

PAULO ROBERTO DE SOUZA

CULTURA, TRABALHO E CONFLITOS EM IPATINGA NOS ANOS 60.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

2007

PAULO ROBERTO DE SOUZA

CULTURA, TRABALHO E CONFLITOS EM IPATINGA NOS ANOS 60.

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como requisito para a obtenção do título de Mestre em História Social, sob a orientação do Professor Doutor Paulo Roberto de Almeida.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

JUNHO /2007

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Déa Ribeiro Fenelon

Professora Doutora Heloísa Helena Pacheco Cardoso

**Professor Doutor Paulo Roberto de Almeida
(Orientador)**

*Aos meus pais, Alípio Rodrigues
e Iracilda Ângela
e aos meus filhos, Ana Luiza,
Ana Paula e Marcus Paulo.*

AGRADECIMENTOS

Apesar de alguns segmentos não aceitarem, do meu ponto de observação, acredito ser inegável a existência de uma Força Motriz que organiza e dá impulso a todos os movimentos desta “*orquestra*” chamada de Universo. Muitos chamam essa Força de Deus, outros de Alá, ou de outras denominações escolhidas por diversas culturas, nomes muitas vezes exóticos, utilizados para identificar essa Força. Não importa que nome tenha. O que importa é que sem Ela não existiria o movimento; sem o movimento, não haveria a construção; e a construção é uma constante na vida do ser humano, ainda que, para construir, tenha que, em primeiro lugar, destruir.

A construção implica movimento, o movimento decorre da conjugação de esforços e essa conjugação implica, necessariamente, aproximação. No momento em que nos aproximamos do outro, estamos travando relações que gerarão consenso e contradições e, desses parâmetros, nascerá a História. Portanto, com base na reflexão, é possível deduzir que, sem a Força, não existiria a História. Daí meu sentimento de gratidão por fazer parte dessa Força e compreender que, mediante a existência desse Manancial, foi possível construir este trabalho. Entretanto, há que se refletir que, além da Força Motriz, a construção desta obra, requereu o esforço, a colaboração e a compreensão de diversas pessoas, direta ou indiretamente nela envolvidas, a todas essas pessoas a minha eterna gratidão. Certamente que não citarei o nome de todas, pois implicaria retomar o momento do meu encontro com o tema e a recordação de todos os nomes que fizeram parte desta construção. Dessa forma, citarei apenas as pessoas mais recentes que tiveram uma participação mais direta nesta elaboração.

A começar pelos meus pais, Iracilda Angela e Alípio Rodrigues. Dois imensos sustentáculos da família que, há 43 anos, tomaram a decisão que permitiu o início de uma trajetória de vida cuja culminância foi a realização desta obra. Essa decisão foi a de mudar com a família, em busca do *eldorado*. Meu pai não viveu o suficiente para ver a obra pronta, mas foi o responsável, com a contribuição da minha mãe, pela minha formação moral e intelectual. A vocês meus pais, minha imensurável gratidão.

Conviver com mais quatro pessoas, debaixo de um mesmo teto, implica também ousar, discutir e às vezes, ter que renunciar se quiser que alguma empreitada tenha sucesso. As contradições vividas com minha família, durante a realização deste trabalho, certamente me instigaram a aprofundar nos estudos e a compreender as relações travadas no período de tempo a que ele se refere. A toda a minha família minha gratidão, especialmente aos meus filhos, Ana Luiza, Ana Paula e Marcus Paulo, que, apesar de contrariados, compreenderam a

necessidade de dividir o computador comigo. Exalto a capacidade e o desprendimento em compreenderem o significado deste trabalho, para mim e para aqueles que desenvolverão outros sobre o assunto. Espero que essa convivência e a necessidade de transigir possam convergir em estímulo que lhes será útil pela vida afora.

Aos meus amigos e companheiros de jornada, Riciele, Neliane, Geovanna, Eliane Pimenta, Renata Rastrelo, Janaína e Rosalina, que, durante os dois anos de convivência no curso de Mestrado, proporcionaram-me a oportunidade de aguçar minha visão sobre a História e me ajudaram na compreensão dos textos analisados no decorrer do curso. Dentre esses companheiros, uma gratidão especial à amiga Gisélia, que teve a paciência de disponibilizar seu tempo nas discussões sobre o tema do trabalho e ao Cristian que dividiu o tempo das viagens de Uberaba para Uberlândia e vice-versa, tempo que foi preenchido com discussões sobre os autores analisados durante nossa jornada na Universidade. Ao meu amigo Robson Borges Rodrigues a gratidão por emprestar seu conhecimento técnico na montagem deste trabalho. Aos amigos Leila Afonso, Valdeir Borges e Maria Auxiliadora G. Lopes, carinhosamente conhecida pelos alunos como Dôra, os meus agradecimentos. O desprendimento e a competência desses amigos foram imprescindíveis à formatação final da obra. Agradeço de uma forma muito especial, às pessoas que contribuíram dando depoimentos, emprestando revistas jornais e fotografias; enfim, enriquecendo as fontes utilizadas na pesquisa, especialmente os srs. Moacir Lacerda, Nelson Ribeiro, Edson Farias, Virgílio Rocha e as Sras. Maria Geralda, Maria Aparecida e minha mãe, Iracilda Angela.

Aos meus irmãos, que acreditaram na necessidade de realização deste trabalho. Irmãos que vivenciaram as aflições dos anos mais difíceis das nossas vidas. Irmãos que, durante a nossa juventude, discutiram, brigaram, compreenderam e relevaram as divergências oriundas das contradições. Hoje eu compreendo que essas contradições foram imprescindíveis ao nosso crescimento. Um agradecimento especial a vocês, que acreditaram e incentivaram a minha decisão em escrever sobre um tema que foi encoberto por tantos anos.

A Ana Rosa Felice Fontes, uma das pessoas responsáveis pela minha iniciação em sala de aula e uma grande estimuladora da minha carreira pelos canteiros da História; e Maria Luiza D. Gomes Souza, cujo incentivo foi fundamental para que eu abraçasse a carreira. A vocês também, minha gratidão. A todos os professores, desde Dona Berenice, no primeiro ano do Grupo Escolar Melo Viana em Divino-MG, até aos Professores do Mestrado, na Universidade Federal de Uberlândia, a todos, sem exceção, a minha gratidão.

Às professoras do Mestrado, Dra. Heloísa Helena Pacheco Cardoso, Dra. Célia Rocha Calvo, Dra. Dilma Andrade de Paula, Dra. Kátia Rodrigues Paranhos, e às professoras

convidadas, Dra. Marta Emísia e Dra. Karla Adriana Martins Bessa, que, durante esse tempo, ajudaram na lapidação de uma pedra bruta. Ressalto aqui a competência dessas profissionais em não restringir o uso do tempo em prol de quem tanto precisou delas.

Um agradecimento muito especial ao meu Orientador, Professor Doutor Paulo Roberto de Almeida. Profundo conhecedor da História Social e depositário de uma sabedoria holística sobre as mais diversas áreas do conhecimento humano, o professor Paulo sempre disponibiliza esse conhecimento no estímulo à construção de outras peças da História local. Sem medir esforços na pesquisa, tem o maior prazer em conduzir seus orientandos à melhor compreensão dos enredos que se constroem no desenvolvimento da História, seja nas aulas teóricas em sala, ou em procedimentos práticos extra muro, como, por exemplo, o desenvolvimento de entrevistas na perspectiva da História Oral.

Sua imensa capacidade de colaborar com a construção do conhecimento de seus orientandos pode ser observada nas entrevistas com os colaboradores desta obra; o professor Paulo esteve presente na maioria das entrevistas realizadas. Com o tempo, pude verificar, que para além de um grande professor, disposto a estimular quando o caminho está correto e corrigir com firmeza quando há uma distorção entre o proposto e o realizado, existe uma pessoa de um grande sentimento de humanidade, conferido apenas aos grandes seres que se forjam no calor das batalhas empreendidas pela vida afora.

A todos esses professores, e, de um modo muito especial, ao Professor Paulo Roberto, empenho uma gratidão duradoura e uma imorredoura compreensão de que a atuação dessas grandes figuras da história contemporânea vai para além de um simples relacionamento em sala de aula. Elas marcaram uma existência.

.

RESUMO

Analisar a trajetória de vida dos trabalhadores, que buscaram o Arraial de Ipatinga na década de 1960, com a finalidade de conseguir uma nova alternativa de sobrevivência, implica aprofundar em um universo de informações, lutas e contradições emergentes das dificuldades encontradas por eles nesse espaço. O presente trabalho tem por objetivo compreender a formação da classe operária de Ipatinga, bem como o labor empreendido no cotidiano dessas pessoas que se propuseram a construir seu sonho a partir da constatação de que o *eldorado* não existia, sem, contudo, dar uma formatação final a todos os assuntos pontuados nestas páginas. Implica também em elucidar as questões sociais decorrentes dessa transmigração e dar visibilidade aos conflitos, à cultura emergente e às marcas imprimidas por esses agentes na construção da história local. O trabalho induz à busca da compreensão acerca das relações de força que emergiram da construção do *eldorado*, cuja culminância nesses anos iniciais foi o massacre de Ipatinga, no qual dezenas de trabalhadores perderam a vida, apesar de o discurso oficial dar conta apenas de sete mortos. As marcas deixadas pelo maior conflito social, registrado na memória desse povo, foram fundamentais para a construção da sociedade que emergiu desse *caos* e nesse campo, situa-se tal elucidação. Lançar um facho de luz sobre os enredos construídos e reconstruídos a partir desse episódio é estender essa busca na expectativa de inferir como se deu a disputa pelo controle social por parte da mono-indústria, assim como as expectativas de fugir a esse domínio, mediante as diversas formas de resistência criadas por esses operários, incluindo a disputa pelo poder político. Além disso, a obra, vestibular em diversos aspectos, tem por finalidade precípua compreender esse espaço geográfico como um lugar de tensões e dar visibilidade às inúmeras problemáticas decorrentes das ações construídas ao longo do tempo, cujos teores certamente hão de se configurar em novos desafios para outras pesquisas a serem construídas no entorno dessa imensurável fonte de pesquisas.

PALAVRAS-CHAVE: operários, cidade, memórias, massacre, controle e resistência.

ABSTRACT

Analyzing the trajectory of life of workers searched for “Arraial de Ipatinga”, in the 1960’s, aiming to get a new alternative of survival, implies to deepen in a universe of information, fights and emergent contradictions of the difficulties found for them in that space. This project has as an objective to understand “Ipatinga” laboring class formation, as well as the undertaken work in those people routine that were expected to build their dreams from such “Eldorado” that did not exist, without giving a final enlightenment to all the subjects related in these pages, however. It also implies in clarifying the social issues consequences of their migration and giving visibility to the conflicts, to the emergent culture and marks left by those agents while constructing local history. The work induces to understand the power relations that had emerged from “Eldorado” construction, whose results in those early years were “Ipatinga” slaughter, in which dozens of workers had lost their lives, although the official speech informs that only seven ones had died. Considering it the biggest social conflict the marks left were registered in those people memory, it had been essential to build their society that emerged from this chaos and in this field, took place such briefing. Launching a light torch on the events constructed and reconstructed from that episode that is extend such search looking for the expectancy to infer as it gave the dispute for social control on mono-industry part, as well as the expectations run away to their clutch, through several resistance forms created by those laborers, including the politician power dispute. Moreover, the project appears in many ways, it has as main purpose to understand their geographic space as a tension place and set up visibility too many troubles caused by the actions through the time, whose contents certainly will present new challenging projects to be studied around this wide source of researches.

KEY-WORDS: Laborers; City; Memories; Slaughter; Control; Resistance.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
 CAPÍTULO I EM BUSCA DO ELDORADO.....	 27
 CAPÍTULO II A CONSTRUÇÃO DO ELDORADO.....	 56
 CAPÍTULO III TÁ TININDO OU SENTA A PUA? As relações de força que emergiram da construção do eldorado.....	 89
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 131
 FONTES.....	 138
 BIBLIOGRAFIA.....	 142
 ANEXO I – Mapa do Brasil com a localização de Ipatinga.....	 146
ANEXO II – Mapa de Minas Gerais com a localização detalhada de Ipatinga.....	147
ANEXO III – Bacia Hidrográfica do Rio Doce.....	148
ANEXO IV – Divisão política de Ipatinga.....	149
ANEXO V - Região metropolitana e colar metropolitano.....	150
ANEXO VI - Mapa rodoviário de Minas Gerais.....	151

Apresentação

Quando me propus a realizar este trabalho, deparei com a primeira das várias dificuldades que encontraria durante seu desenvolvimento. Ao contrário de muitos outros realizados no âmbito da História Social, a dificuldade inicial não se localizava na busca de fontes, mas na perplexidade diante do farto material recolhido ao longo de quatro anos de graduação. Nesse sentido, constituo, como primeiro grande desafio desta empreitada, a seleção do material e a delimitação do raio de ação da história dos migrantes que buscavam uma nova oportunidade de vida na região, hoje conhecida como Vale do Aço; a começar pelo recorte a ser feito dentro de um determinado espaço de tempo, ou de um assunto específico da saga desses migrantes.

Optei, então, com o competente norteamento do meu Orientador, por trabalhar na recuperação da experiência vivida por diversos trabalhadores que, juntamente com suas famílias, vivenciaram o processo de transposição para a região, especialmente daquelas que tiveram como destino a cidade de Ipatinga, ainda conhecida como Arraial, no final da década de 1950. A discussão de textos de diversos autores, sobretudo de E. P. Thompson e Gramsci, em sala de aula, permitiu a quebra de uma visão cristalizada e a exploração do tema em torno do fazer-se da classe operária, principalmente por creditar a ela as verdadeiras mudanças ocorridas no espaço de tempo abordado pelo trabalho. Essa nova perspectiva metodológica permitiu buscar o entendimento dos enredos que se formaram diante das expectativas, dos dissabores envolvidos nessa busca; eleger como protagonistas da história aqueles que sempre estiveram em posição periférica, ao longo das diversas interpretações da história linear e analisar a luta pela sobrevivência empreendida por esses sujeitos. Enfim, compreender os modos de vida e o entrelaçamento das culturas desses elementos, que sempre estiveram em segundo plano na construção do processo histórico e, sobretudo, analisar todo esse movimento que doravante será identificado como *a busca do eldorado*¹. Constituir uma problemática como mote do trabalho foi outra dificuldade em função da riqueza de material contido no tema proposto e não há como valorizar tal preocupação sem discorrer sobre meu encontro com ele.

¹ A identificação da cidade de Ipatinga como um *eldorado* está evidenciado nas falas dos entrevistados quando ressaltam que a cidade tornou-se uma esperança para eles. Em uma das entrevistas Edson Farias ressaltava que seu pai teria dito: “fala pro Edson passar lá em Uberaba pois tem uma firma no Estado de Minas que está recrutando... e o futuro deles é essa firma.” No imaginário dessas pessoas Ipatinga transformou-se em um lugar pródigo em riquezas em função das novas oportunidades, daí a identificação do local com um *eldorado*.

Em julho de 1964, minha família estava sobre a carroceria de um caminhão, partindo de Divino/MG, em busca do *eldorado*. A cidade, que ficou para trás, já não oferecia condições de estudo para os filhos que estavam crescendo. Daí a decisão de mudar, abandonar tudo, no sentido de buscar novas oportunidades. Assim, minha família iniciou a viagem em busca do *eldorado*. É bom deixar claro que, baseado na história de vida da minha família, foi possível compreender melhor a situação de milhares de famílias que, naquele momento, também estavam em busca dessa oportunidade. E foi assim o começo da viagem.

A manhã estava muito fria e a noite tinha sido extremamente longa. A ansiedade pela viagem deixou toda a família excitada; os preparativos, as malas, aquilo tudo mexia com a meninada: Ademir, eu, Neuza, Charles e Márcia², esta com apenas quatro meses. Creio que todos esperávamos por aquele momento, como se fosse o mais importante das nossas vidas, e era. Por volta de cinco horas da manhã, o caminhão do senhor Marcos³ encostou e nele colocamos o que restou da mudança, já que as peças mais pesadas foram carregadas no cair da tarde do nosso último dia na cidade de Divino⁴.

Chegada a hora da partida, um a um, despedimo-nos da nossa avó e subimos no caminhão, enquanto ela procurava um cantinho para chorar. Na cabina, além do motorista, foram minha mãe com Márcia, a minha irmã recém-nascida; Dorinha, uma amiga que minha mãe levava para os primeiros dias na nova cidade⁵, e a mulher do motorista. Até hoje não entendi por que ele levou a mulher numa cabina tão apertada.

Na carroceria, além da mudança, ia meu pai com quatro filhos, meu tio Geraldo e mais seis sacos de laranjas que o motorista levava para vender em Ipatinga. Tudo apontava para um dia difícil e a mudança provavelmente seria mais dolorosa do que eu imaginava. Quando o motorista ligou o caminhão, meu coração ficou apertado, ainda não compreendia bem, mas sentia a sensação de que tudo aquilo... meus 10 anos de vida seriam definitivamente deixados para trás. A montanha... ah! a minha amiga montanha, que tantas vezes parecia me ouvir, ela

² Uma vez instalados em Ipatinga, minha mãe teve mais dois filhos: Márcio e a caçula Albertina. Ipatinga ainda não estava dotada de uma infra-estrutura apta a atender às necessidades da população; portanto, o Márcio nasceu no Hospital Siderúrgica de Coronel Fabriciano.

³ O caminhão da mudança era um Dodge antigo, sem o cano de descarga e o motorista era o Sr. Marcos; homem negro, de aproximadamente dois metros de altura, lábios extremamente grossos e uma “voz de trombone”. Ele cantava como baixo, no coral da Igreja Batista, Igreja dos meus pais.

⁴ Divino é uma cidade de aproximadamente 19 mil habitantes, localizada na Zona da Mata, encravada entre as montanhas que compõem o complexo da Serra do Caparaó. Foi nesse local bonito que nasceu minha família, exceto os dois irmãos mais novos, o Márcio e a Albertina.

⁵ Maria Eliodora, mais conhecida como Dorinha, foi convidada pela minha mãe para se mudar para Ipatinga, pois meu pai tinha projeto de conseguir uma concessão da Usiminas e montar um armazém na cidade. Caso o negócio se mostrasse viável, minha mãe precisaria de uma pessoa para lhe dar suporte na casa, por isso a Dorinha aceitou o convite para nos acompanhar. Tal como o motorista do caminhão, o Sr. Marcos, Dorinha também cantava no coral da Igreja, era excelente soprano.

também seria deixada para trás. Não sei por que, mas tudo aquilo parecia fazer parte de um passado... E foi assim a nossa partida em busca do *eldorado*.

O frio da madrugada parecia cortar a carne e o que nos esperava era uma viagem de 210 quilômetros, que duraria das 5 da manhã às 21 horas. As dificuldades eram muitas, desde as estradas apertadas da região ao barulho de um caminhão sem silencioso; todos mal acomodados na carroceria, uns sentados sobre os sacos de laranjas, outros submetidos a todo tipo de solavancos que uma estrada de terra pode oferecer com as intermináveis *costelas de vaca*⁶; enfim, uma viagem nada agradável. A maior preocupação do meu pai era com a situação da minha mãe: ela carregava uma filha de quatro meses na cabina do caminhão e parecia-me um pouco aflito com aquela situação. Mas uma coisa eu notava no semblante dele: a esperança no futuro. Seu olhar estava perdido entre as montanhas, entretanto parecia acreditar firmemente que, por detrás delas, uma vida melhor estava nos esperando e eu, com meu coração apertado, depositava toda minha confiança na expressão de esperança contida no olhar perdido do meu pai.

Hoje, ao reelaborar os acontecimentos daqueles dias difíceis, consigo compreender que, de todos os cantos do Brasil, outras famílias, como a nossa, também estavam sobre os caminhões sacolejantes, em busca do *eldorado*; e o que estava sobre os caminhões, que transportavam todas essas famílias, não era apenas a mobília, as pessoas e, em alguns casos, os sacos de laranjas. Os caminhões levavam sobretudo a esperança e a dignidade dessas famílias, dos pais que acreditavam na existência de novas oportunidades para os filhos e desses que acreditavam na coragem e na audácia dos seus pais. Na realidade, o traslado foi muito mais que uma mudança, foi um aprendizado como poucos que tive na vida. Aquele olhar perdido entre as montanhas era entendido como uma admoestação: o dever de ousar e que as oportunidades de conquistas que iríamos enfrentar em um espaço de disputas poderiam ser proveitosas, uma vez que tudo dependia fortemente da própria disposição em lutar por esse espaço e, acima de tudo, pelas oportunidades que surgiriam doravante.

A decisão de mudar não foi tomada unilateralmente por meu pai; minha mãe participou das decisões, opinou, preparou toda a família. Foi uma operação planejada entre os dois; afinal, tratava-se de uma mudança radical, implicava renunciar tudo em favor de uma nova expectativa de vida. Inicialmente minha mãe teve a grandeza de abdicar do direito de estar ao lado do meu pai, para que ele pudesse buscar novas fronteiras para a família. Lembro-

⁶ Pequenas ondulações transversais, sucessivas formadas em estrada de terra após a chuva, intercaladas e muito parecidas com os ossos de uma costela de vaca. Quando a terra está seca, essas ondulações provocam uma trepidação intensa nos veículos que passam pela estrada.

me bem da noite que antecedeu a ida dele em busca do novo emprego, dois anos antes da nossa mudança. Minha mãe passou a noite costurando bolsos nas laterais das suas calças, na altura dos joelhos, local onde iria guardar o pouco dinheiro que levou, para se sustentar nos primeiros meses que se dedicaria a procurar um emprego. Como era impossível prever o que poderia acontecer na cidade grande, era melhor se precaver.

Assim, ele foi em busca de um novo emprego em 1962. Durante dois anos, ele morou em um barracão de madeira, no bairro Candangolândia, juntamente com mais três companheiros que disputavam com outros operários um banheiro coletivo, disponível a todos. Depois de dois anos trabalhando na Usiminas, meu pai conseguiu alugar uma casa no Bairro Caladinho do Meio, localizado no município de Coronel Fabriciano, uma das cidades contíguas do Vale do Aço. Foi nessa casa, sem luz e água encanada, que nossa família se estabeleceu quando chegamos à região. O período compreendido entre a ida do meu pai em busca de um emprego e a nossa mudança para a nova cidade foi um tempo de dificuldades e expectativas. Ele não tinha uma profissão definida, sequer tinha freqüentado uma escola, pois era primogênito de uma família de onze irmãos e teve que ir para a roça muito cedo, para obter o sustento do restante da prole, pois o pai dele, meu avô, abandonara a mãe muito cedo. Dessa forma, durante toda a sua juventude, esteve envolvido com o trabalho, fato que o impediu de freqüentar uma escola; tudo que ele aprendera foi por sua própria curiosidade e persistência, era um autodidata. Apesar das dificuldades encontradas em um primeiro momento, ele conseguiu emprego na região, em um restaurante de propriedade da Usiminas, cuja função era servir alimentação aos japoneses envolvidos com a montagem da indústria⁷.

Passados quarenta e dois anos dessa aventura, minha mãe, dona Iracilda, relembra com certa emoção esses momentos, assim como as dificuldades dos primeiros anos.

Paulo Roberto - *E... E AÍ ELE CONSEGUIU É LEVAR A FAMÍLIA PRA LÁ EM... EM... 64?... EM 64...*

Iracilda - *É... um dos motivos mesmo que mais... que ele mudar... a gente mudar... e ele procurar emprego é porque a gente tava querendo... os meninos tava crescendo né ... precisava de estudo... precisava de estudar e a gente lá num via... condições de... de que a gente pudesse estudar né? Pudesse ter uma vida melhor... e na realidade... isso fez mais que a gente... saísse... que ele arrumasse um emprego pra dar estudo pros*

⁷ A Usiminas foi criada através de um consórcio nipo-brasileiro; portanto, além de importar os equipamentos, o Brasil importava também a mão-de-obra necessária à instalação da indústria. Vale ressaltar que o Japão, na década de 1950, estava se reerguendo dos efeitos devastadores da Segunda Guerra Mundial. Portanto, a ordem era exportar. Por outro lado, o Brasil era regido pela mais liberal de todas as Constituições da nossa história, que permitiu a abertura ao capital externo. Na década de 1990 a Usiminas ficou marcada por ter sido a primeira empresa privatizada no governo Collor. Apesar de saneada e extremamente lucrativa, foi considerada pelo governo da época como “um elefante branco”. A empresa foi arrematada por um consórcio controlado por empresas nacionais, dentre elas o grupo Somonsen e Caixa dos empregados do Banco do Brasil.

filhos né... eles tavam grande né... já tavam fazeno ginásio... Ademir e Paulo.... já tavam fazeno ginásio já tava difícil né.⁸

Na interpretação que dona Iracilda hoje faz daquele momento em que fizeram a opção de mudar, ela evidencia a possibilidade de dar condições de estudo aos filhos, como o elemento de maior peso na empreitada. Divino não oferecia nenhuma perspectiva adequada para o planejamento que nossos pais elaboravam para nós, seus filhos, ou seja, para a continuidade dos estudos; e esse era o fato mais relevante nessa *balança*. Almeida⁹ aborda a questão das famílias que migraram para Uberlândia, na década de 1970, e essa abordagem me permitiu aguçar a compreensão sobre os motivos que levaram essas famílias a abandonarem suas cidades de origem, em busca de novas oportunidades em Ipatinga, na década de 1960. Almeida afirma: *A impressão é que no imaginário desses sujeitos sociais a cidade representa a esperança. Algo muito distante, uma realidade totalmente diferente, e é essa diferença que representava as várias possibilidades de fazer a vida de outra maneira.* Ao discorrer sobre a coragem desses sujeitos em desafiar, ousar, tentar, a reflexão de Almeida recai sobre a forma de como esses agentes enxergam o que deixam para trás: *a narrativa desses sujeitos está entrecortada por olhares para trás, como se o narrador procurasse a melhor expressão para dizer que a vida no seu local de origem tornou-se impossível.* É exatamente isso que dona Iracilda faz no momento em que reelabora sua visão daqueles dias. Ela reconhece que Divino já não oferecia mais condições de vida para a família. Se mudasse para outra cidade, ela não tinha muita certeza do que aconteceria, mas, se ficasse em Divino, ela tinha uma certeza: tudo ficaria como estava e, nesse caso, era melhor ousar.

Ao verificar que trabalhadores do Brasil inteiro, de localidades diferentes, mobilizavam-se no sentido de procurar melhores oportunidades, seja na locomoção de Divino para Ipatinga, na década de 1960; de Juiz de Fora para Ipatinga; seja do interior de Minas para Uberlândia, na década de 1970, como trata o trabalho de Paulo Roberto de Almeida, podemos compreender que não importava a multiplicidade de regiões de onde esses deslocamentos aconteciam, o que valia para eles e para todos os inseridos nessas experiências, era a esperança que carregavam consigo; ela não se restringia a uma vida de melhor qualidade para eles, mas, como evidencia Dona Iracilda, uma melhor perspectiva de vida para os demais, principalmente para seus filhos.

⁸ Fragmento da entrevista concedida pela Dona Iracilda, na residência de um dos filhos em Uberaba, no dia 16 de fevereiro de 2006

⁹ ALMEIDA, Paulo Roberto de. Encantos e desencantos da cidade: Trajetórias, cultura e memória de trabalhadores pobres de Uberlândia – 1970-2000. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (Orgs). **Muitas Memórias, outras histórias**: São Paulo; Olho d'Água, 2000. p. 150.

Impulsionados pela necessidade de conquista, iniciamos a viagem para Ipatinga, em uma fria manhã do mês de julho de 1964. Vários incidentes tornaram o trajeto cheio de surpresas, algumas agradáveis, outras nem tanto. As estradas eram extremamente precárias, muitas vezes com passagem para um só veículo. Durante o percurso que liga Matipó a Abre Campo, um jeep tentava, de todas as formas, obter passagem, mas o caminhão barulhento não permitia ao Sr. Marcos, nosso motorista, ouvir as buzinas que vinham do jeep. Em determinado momento, uma das cadeiras da nossa mudança despencou do caminhão e quebrou, o motorista do jeep parou, recolheu a cadeira, colocou-a no carro dele e continuou buzinando na expectativa de obter passagem. Os nossos gritos, a tentativa de chamar a atenção do nosso motorista, era tudo em vão. Quando a estrada se abriu, permitindo a passagem de dois veículos, aquele motorista conseguiu fazer a ultrapassagem. Visivelmente nervoso, ele parou o veículo, colocou a cadeira quebrada bem no meio da estrada e seguiu viagem como se estivesse se sentindo vingado diante do atraso provocado pelo nosso motorista.

Essa trilha seguida pelas famílias, naquele momento, foi percorrida anteriormente pelo desbravador, que, assim como milhares de outros que vieram dos diversos cantos do Brasil, abriu o caminho rumo ao *eldorado*. Muito antes das famílias lançarem-se na transferência definitiva, os chefes foram preparar o caminho. A abordagem evidenciando o pioneirismo desses pais encontra ressonância nos relatos que colhemos dos entrevistados. Essas falas trazem à tona as dificuldades encontradas por esses trabalhadores, como a disputa pela moradia, pela alimentação; enfim, a luta pela sobrevivência, cujas seqüelas esses bravos pioneiros carregariam para o resto de suas vidas.

A chegada em Ipatinga, melhor dizendo, em Coronel Fabriciano, não foi nada acolhedora. O cansaço da viagem, a dificuldade em encontrar o local exato da casa alugada pelo meu pai, a ausência de energia elétrica, tudo isso dificultou ainda mais a acomodação de onze pessoas em uma casa de dois quartos. Todos estavam precisando de um banho e, sobretudo, de alimentação. No topo das prioridades, estava o banho para minha irmã de colo, a alimentação de todos e o preparo dos colchões que foram espalhados pelo piso da casa. Só de pensar em recolher lenha, às 21 horas, para acender o fogo, fazia qualquer pessoa perder a fome¹⁰; todavia, para minha surpresa, pela primeira vez, eu pude contemplar de perto o funcionamento de um fogão a gás. Maravilhados com o avanço da tecnologia, mesmo sem ter noção do significado do termo, as crianças se colocaram ao redor do fogão para contemplar a

¹⁰ Nas cidades do interior, a lenha recolhida ao entardecer era colocada debaixo do fogão de lenha, para evitar a saída ao sereno no amanhecer. Acender um fogão de lenha é uma tarefa árdua.

chama azul; mas o que mais chamou a atenção foi a ausência de fumaça. Curiosamente, a espera pela refeição não foi tão demorada quanto se imaginava, mas a espera pelo dia seguinte foi o que mais excitou a meninada.

O amanhecer foi muito diferente daqueles observados em Divino. Ao contrário de pássaros cantando nas árvores, a manhã era preenchida por barulho de caminhões e buzinas, era uma sinfonia muito diferente daquelas que a cidade que ficou para trás oferecia. A uma distância aproximada de 50 metros da minha casa nova, passava a *Ribaía*¹¹ e eu fiquei perplexo com a enorme quantidade de caminhões que passava pelo asfalto. A maioria deles carregava uma quantidade muito grande de homens, que, segundo meu pai, estavam indo para o trabalho, lá na Usiminas.

Não havia muita coisa a fazer no bairro. O mais divertido era acordar cedo para observar os caminhões levando os trabalhadores e trazendo-os de volta ao cair da tarde. No bairro, só existia uma rua, a *Ribaía*; ao longo de um trecho de aproximadamente mil metros, uma fileira de casas construídas ao lado do asfalto e nada mais. Não havia ruas transversais nem paralelas à *Ribaía*. O bairro tomava formato de bairro apenas na subida do morro, onde várias ruas foram construídas à direita do asfalto e esse local era conhecido como o Caladinho de Cima. Ali era o centro comercial, o local onde estava o mercado, o açougue e a padaria e, é claro, um ótimo local para travar os primeiros relacionamentos no *eldorado*.

Se me proponho a relatar, com detalhes, a respeito dos acontecimentos desses dias e se discorro sobre a formação geográfica local, é que tais fatos tornaram-se relevantes para mim, como provavelmente era para todo recém-chegado nesse período de adaptação. Tudo parecia grande, face ao referencial de cidade conhecido; aquele asfalto imenso parecia desafiar a natureza e a quantidade de veículos transitando no local gerava uma preocupação à parte para as mães: tudo era permitido, menos a aproximação do asfalto, da *Ribaía*.

Ao chegar na região, sem que eu soubesse naquela ocasião, a primeira problemática já estava constituída. A expectativa local era se recompor do maior episódio acontecido na história desse povo que veio em busca de novas oportunidades. O Massacre de Ipatinga, como ficou conhecido o maior conflito social da região, deixou seqüelas que o tempo não desfez. Até hoje as chagas desse momento encontram-se abertas, pois o massacre permanece vivo na lembrança de quem estava na região e de quem vivenciou o conflito, cujo nascedouro

¹¹ A única estrada asfaltada, que eu conheci quando morava em Divino e que vi apenas uma vez, é a que faz a ligação do Rio de Janeiro à Bahia. Para todos, conhecida como Rio-Bahia; para nós era simplesmente *Ribaía*, ou seja, sinônimo de asfalto. Decorre daí, a identificação de todos os asfaltos como *Ribaía*.

localiza-se nas relações de força, constituídas a partir da formação da sociedade ipatinguense e da cultura desse povo.

Quarenta e um anos após o conflito surgiu a oportunidade de melhor organizar as idéias em torno do projeto proposto. Essa oportunidade agigantou-se a partir do encontro com os professores representantes da Linha de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais do Instituto de História do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia. Sobretudo por estar contida no programa da Linha de Pesquisa, a proposta de *recuperar a experiência histórica de diversos sujeitos sociais em seus múltiplos e diversificados aspectos, buscando entender como as pessoas vão construindo seus espaços e territórios, deixando suas marcas*¹² e na clareza utilizada por esses professores, ao exporem os objetivos nela implícitos. É nesse campo de pesquisa que situei meu trabalho, buscando entender a movimentação desses diversos sujeitos sociais envolvidos na construção da cidade e da classe operária que é, sem dúvida, a grande geradora de riqueza e a responsável por viabilizar o projeto siderúrgico que se instalou na região, a partir do final da década de 1950, mais precisamente a partir de 1956, quando foi lançada a pedra fundamental da Usiminas.

As perguntas surgiram à medida que novos autores foram pesquisados no desenvolvimento dos estudos. Por que o massacre? Onde se localizava sua origem? Ele não surgiu do nada, tampouco foi inventado pelos sujeitos envolvidos nas ações que resultaram em grande número de mortos e outro muito maior de feridos. Não cabe aqui pesquisar quantos morreram ou ficaram feridos, já que o discurso oficial dá conta de apenas sete mortes. Por si só, os dados oficiais carecem de uma resignificação ulterior, pois até mesmo o fotógrafo que registrou o movimento, Isabel Nascimento, cuja morte foi constatada pela ação da força policial, não está inserido na lista oficial de mortos. Dessa forma, a discussão sobre quantidade de envolvidos torna-se irrelevante diante dos motivos que levaram a esse desfecho. Não significa que esses sujeitos não tenham sua importância no processo histórico. Ao contrário, essa importância é tamanha que sucumbiram ao contestar o processo de dominação insistentemente mantido pela classe dominante sobre a classe trabalhadora. Entretanto, a história oficial insiste em relegar esses agentes à condição de meros coadjuvantes nesse processo.

Controlar reivindicações de trabalhadores mediante a força das balas, provavelmente, não foi um recurso inventado no contexto histórico da cidade de Ipatinga e tampouco

¹² CALVO, Célia Rocha; CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco; ALMEIDA, Paulo Roberto. Trabalho e Movimentos Sociais: histórias, memórias e produção historiográfica, In: MACHADO, Maria Clara T.; CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco (Org.). **História: narrativas plurais, múltiplas linguagens**. Uberlândia: Edufu, 2006. p. 3.

terminou nesse espaço, haja vista que episódio idêntico foi notado na invasão da CSN, em 1988, pelo Aparelho Repressor do Estado.¹³ A empresa é outra, os trabalhadores também são outros e os episódios estão separados por mais de duas décadas, mas o argumento utilizado pelo aparelho estatal foi o mesmo: uma metralhadora nas mãos dos soldados chamados a conter as manifestações. O episódio ocorrido com os trabalhadores da Usiminas foi relatado pelo Sr. Moacir Lacerda desta forma:

*[...] nisso chega o caminhãozinho opel da polícia, com um cara de metralhadora, tripé em cima do coisa, fuzil, revólver, em cima do caminhãozinho.....nisso aquele pessoal ajuntano, ajuntano.....tinha muita valeta aberta, aqueles mundo de terra, aí nisso depois de certo tempo, um lá joga uma pedrinha na polícia.....aquele alvoroço de gente, outro começa a jogá.....começa a chovê pedra em cima deles, torrão né, torrão de terra.....eles abre fogo no pessoal, de metralhadora.....tinha aqueles cara com bandeira, aqueles pessoal protestano, agitano.....sei lá....com bandeira tal, e eles metralhamo todo mundo.....eu pulei nos trilho, deitei atrás dos trilho, tinha uma valetazinha, muita gente pulando dentro da valeta e tinha gente quase sendo soterrado, porque o pessoal pisava no monte de terra ao lado, e o cara lá abaixadinho assim, eu não vou pulá dentro da valeta.....que eles chegam aqui corta tudo no tiro, aí eu rastejano, eu tava novo num tinha nem 22 ano, saía rastejano assim, e a bala comeno.....aquelas bala passava por cima da minha cabeça....igual esses besouro mangão que tem nas flor.....pruuuu.....pruuu.....desse jeito.....queles tiro....e tinha um cabo lá com 45, a polícia usava 45 né, catano assim um por um assim, os cara deitaram né, aqueles cara em pé aqueles morreram.....então é....eu consegui corrê, muita gente foi pro Horto, que é logo assim uns 300 a 500 metro da garagem, não sei se ocê conheceu lá essa área, ficou (.....), todo mundo assustado.....aí por fim o carro da polícia foi embora, eles subiram o caminhãozim, o caminhãozim num quis pegá, tiveram que empurrá.... [...]*¹⁴

A fotografia de número 1 demonstra o momento relatado na fala do Sr. Moacir, enquanto a fotografia de número 2, tirada em uma manifestação ocorrida 25 anos depois da primeira¹⁵, demonstra claramente o tipo de argumento utilizado pelas empresas e pelos governos para conter as reivindicações notadas nas manifestações populares. Para melhor entender o conflito e as relações de forças criadas nesse ambiente hostil, retomemos a questão da formação da cidade de Ipatinga e, por conseguinte, da indústria.

¹³ GRACIOLLI, Edílson José. **Um caldeirão chamado CSN: resistência operária e violência militar na greve em 1988**. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 1997. p. 13.

¹⁴ Fragmento da entrevista concedida pelo Sr. Moacir Lacerda, na residência do entrevistado, em 29 de junho de 2005.

¹⁵ Ibid., p. 139.



Foto 1 – Policial sobre o caminhão Opel antes de disparar a metralhadora contra os trabalhadores da Usiminas – Ipatinga - em outubro de 1963.



Foto 2 – Chiquito Alves – Banco de imagem AEL/UNICAMP – Militares apontando metralhadoras para os trabalhadores da CSN em assembléia 1988.

A construção do Complexo Industrial da Usiminas e a transformação de um diminuto Arraial em uma cidade das mais importantes de Minas Gerais constituíram-se em uma história de muito sofrimento, mas sempre calcada na conquista da sobrevivência e na construção da cidadania. Diversos sujeitos estão envolvidos nesse processo. Dos operários vindos de diversas partes do país em busca de uma nova oportunidade de emprego às prostitutas, que, como esses operários, também estavam em busca da sobrevivência. Dos posseiros, os quais se instalaram na região, aos comerciantes e especuladores, cujo objetivo era ganhar muito dinheiro com os loteamentos. Estes eram responsáveis por atribuir à terra outro tipo de valor: o valor comercial. Dos excluídos que mendigavam na região aos religiosos criadores das igrejas da cidade, cujo objetivo era a *salvação das almas* das pessoas que transitavam nesse espaço.

As dificuldades encontradas por essas famílias ao se instalarem na região e a insuficiência dos salários corroídos pela carestia imposta pelo sistema liberal implicaram a criação de alternativas à sobrevivência desses agentes.

O programa da Linha de Pesquisa denominada Trabalho e Movimentos Sociais, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, identifica o *espaço urbano como um local de disputas sempre conflituoso, sempre presente nas diversas dimensões*. Ao refletir sobre os problemas decorrentes das migrações internas para Uberlândia, o Programa da Linha ressalta que de tais conflitos...

[...] emergem as evidências entre o crescimento urbano e a privação cada vez maior dos equipamentos públicos capazes de proporcionar condições mínimas de vida a um conjunto cada vez maior de moradores. Compreendendo esses problemas como parte da constituição do desenvolvimento das cidades de médio e grande porte no Brasil, o

*cenário se apresenta cada vez mais composto por um número maior de excluídos. Pessoas que buscam a cidade e se vêm forçadas ao imprevisto e às saídas para a sobrevivência. Aparece aí o crescimento do número de favelados, as ocupações dos terrenos ociosos e a multiplicação dos loteamentos 'irregulares', as construções à beira dos córregos, rios, encostas, causando profundos impactos ambientais.*¹⁶

Apesar de tempos históricos e espaços geográficos distintos, as diretrizes da Linha de Pesquisa instigam a pensar que essas saídas emergenciais, farão notar-se também na formação da sociedade na cidade de Ipatinga. Um bar montado no *puxadinho*, construído na frente da casa, uma horta onde se cultivavam alface, couve e outras hortaliças para completar o orçamento doméstico; mas o que despertava interesse dos *peões*¹⁷ recém-chegados eram as pensões fornecedoras de alimentos e as lavadeiras que garantiam o orçamento doméstico, lavando roupas para os empregados da Usiminas e das Empreiteiras. Se, de um lado, esse tipo de prestação de serviço atendia a essas mulheres, de outro satisfaziam as necessidades básicas desses trabalhadores. De um modo geral, o mercado informal foi o recurso encontrado por centenas de pessoas que se encontravam à margem da oferta de empregos na região, ou daquelas que buscavam uma alternativa complementar aos baixos salários oferecidos, em contraste com o sistema inflacionário galopante notado no período abordado.

Para melhor compreender as aflições e os acontecimentos desses anos iniciais, utilizei, sobretudo, da metodologia da História Oral, entrevistando pessoas que vivenciaram esses anos difíceis de formação da sociedade, muitas delas já aposentadas, morando em outras cidades e, mesmo assim, dispuseram-se a dar sua contribuição à realização deste trabalho. Moacir Lacerda, Nelson Ribeiro, Edson Farias, Iracilda Ângela, Maria Aparecida e Virgílio Rocha são ex-funcionários da Usiminas, ou, no caso das mulheres, esposas de ex-funcionários; pessoas que residiram ou ainda residem em Ipatinga e que se disponibilizaram a colocar suas memórias a serviço da construção desta peça.

Grande parte das fotografias utilizadas neste trabalho pertence ao acervo do Sr. Moacir Lacerda e Edson Farias, além de outras obtidas na Revista Homens em Série, uma produção da Prefeitura de Ipatinga durante a administração de Chico Ferramenta. Além das fontes abordadas, os jornais da época também foram consultados, objetivando a compreensão de como a imprensa acompanhou o desenvolvimento da cidade, principalmente o envolvimento da população e da polícia no enfrentamento ocorrido em outubro de 1963. Outras matérias,

¹⁶ CALVO, Célia Rocha; CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco; ALMEIDA, Paulo Roberto op. cit. p. 16.

¹⁷ Nome atribuído aos trabalhadores temporários, empregados das empreiteiras, que, ao terminarem a obra, migravam para outras regiões em busca de um novo emprego.

obtidas no Jornal Estado de Minas, contribuíram para suscitar algumas problemáticas anteriormente elaboradas em torno do assunto pesquisado.

Reelaborar as memórias em torno dos acontecimentos dos anos iniciais da década de 1960 implicou reavivar também todo tipo de emoções vivenciadas por esses agentes.

Em entrevista concedida à Revista História e Perspectivas, o Professor Alessandro Portelli faz uma abordagem sobre o Fórum Social acontecido em Porto Alegre. Essa entrevista ajuda a compreender o envolvimento dos milhares de agentes na construção da cidade de Ipatinga. Apesar de o presente trabalho analisar as ações de um povo, separadas por quatro décadas anteriores aos acontecimentos registrados no Fórum Social de Porto Alegre, o objetivo é utilizar das interpretações dos acontecimentos recentes para melhor compreender as relações sociais registradas em outro momento histórico. Ao evidenciar as experiências trazidas por vários sujeitos, de diversos pontos, para o Fórum Social ocorrido em Porto Alegre, Portelli ressalta:

[...] confrontando histórias de vida de pessoas que ali estavam – como uma metodologia – o que têm em comum é que foram ao mesmo lugar, ao mesmo tempo. No entanto, o que se vê é que todas vieram de localidades distintas, tinham diferentes intenções que as levaram para lá e levam distintas memórias desse acontecimento e diversas interpretações. Contudo, há algo que é bastante concreto, que é o fato de que todas estavam ali. Assim sendo, o marco das memórias possíveis é, ao mesmo tempo, infinito, pois não há limite para o que as pessoas possam pensar ou recordar e, também, finito, pois há um limite que está fundado sobre um acontecimento muito específico. Desta forma, quando falamos dessas memórias individuais, há uma parte disso que se pode tratar como uma ferramenta comparativa e estatística, porque há coisas que são qualitativas, no sentido em que há o encontro entre um acontecimento, um lugar e uma subjetividade individual, uma história pessoal, individual, um passado e um futuro individuais.¹⁸

A abordagem de Portelli recai sobre a discussão em torno da admissibilidade ou não, da existência de uma memória coletiva. Segundo ele, *é difícil crer na existência desse tipo de memória, pois é difícil situá-la, a não ser nas atividades intelectuais de cada um dos indivíduos*. Ele assevera ainda que *o que vemos na História oral é mais a memória que cada ser humano tem individualmente*. Entretanto, o autor admite a existência de um limite, *quando se trata de um fato específico* e esse fato específico, a que o autor se refere, existe na memória do povo que foi para Ipatinga, em busca de melhores oportunidades e que sobreviveu a essas quatro décadas. Trata-se do Massacre de Ipatinga¹⁹.

¹⁸ PORTELLI, Alessandro. História oral e memórias. **História e Perspectivas**, Uberlândia/MG: UFU/Curso de História e Programa de Mestrado em História, n. 25 e 26, p. 32, jul./dez. 2001/ jan./ jul. 2002.

¹⁹ O Massacre de Ipatinga será tratado no Capítulo III deste trabalho.

Levando em conta a história de vida de cada um desses migrantes, constata-se que a maioria dos entrevistados faz questão de referir-se ao massacre como sendo o momento de maior tensão na história desse povo. Assim, podemos identificá-lo ao que Portelli caracteriza como *momento muito específico* na história de um povo. Mas não é justo levar em conta apenas esse momento, notadamente marcado na vida das pessoas, sem dar visibilidade aos relatos, evidenciando, com detalhes, as dificuldades enfrentadas no processo de transferência de toda essa massa humana. A saudade da família, a luta por uma residência e as dificuldades encontradas para cobrir o orçamento doméstico com um salário corroído pela inflação do momento foram fatores determinantes na vida de cada operário que chegava àquela cidade.

A partir das lembranças desses agentes, pude perceber que a história de vida da minha família era importante no sentido de ajudar a compreender esse processo de transferência e adaptação ao sonhado *eldorado*. Justamente por perceber essa importância nas narrativas dos entrevistados é que me foi permitido compreender que não posso me furtar à responsabilidade de dar visibilidade à subjetividade na construção deste trabalho.

Com a chegada desses operários, Ipatinga transformou-se em um local problemático: sem estrutura, sem policiamento e sem uma administração pública que pudesse normatizar as ações, pois as decisões eram tomadas à revelia de qualquer procedimento legal. Esse era o discurso usado pela classe dominante e, ao longo do tempo, legitimado pela população local. Não obstante a defesa do discurso, cada um procurava se colocar da melhor maneira possível dentro desse espaço, mesmo sabedor de que estava infringindo as normas. A culpa dos assaltos e dos crimes acontecidos nesses anos iniciais recaía sobre a ausência de um poder público atuante. Uma análise mais acurada sobre o discurso utilizado, remete-nos a outro questionamento: a quem ele interessava? Provavelmente era cuidadosamente construído por políticos locais, defensores de um pleito, cujo alvo era a emancipação do município, como forma de mostrar-se um elemento imprescindível ao funcionamento da nova cidade, em vias de formação.²⁰

O Arraial estava inserido na tutela jurisdicional de Coronel Fabriciano e padecia da atenção da administração pública da cidade vizinha. Do ponto de vista de arrecadação de impostos, o Arraial de Ipatinga era, até meados da década de 1950, absolutamente insignificante. Essa situação estava mudando e de forma muito rápida. A celeridade dos acontecimentos provavelmente escapava até mesmo aos olhos dos mais astutos signatários da

²⁰ Esse fato será tratado nos capítulos II e III do trabalho.

vida pública, pois nem mesmo os mais experientes políticos da cidade vizinha percebiam sua real dimensão.

Aproveitando-se dessa suposta ausência, a direção da Usiminas se impôs *ou foi reconhecida pela população* como autoridade competente para suprir esse hiato administrativo. Como gerenciadora de um manancial de postos de emprego, a direção da empresa foi identificada pela população como a grande mantenedora. Para muitos, a força motriz do *eldorado*.

A consequência desse reconhecimento foi uma tentativa de controle das ações sociais dentro e fora do ambiente fabril, por parte da *grande mantenedora*. Justamente em virtude de tal experiência é que os verdadeiros sujeitos da história deram visibilidade às próprias ações, pois a tentativa de controle extrapolou as *raias* do suportável. A classe trabalhadora mostrou *os limites da paciência* e reagiu à tentativa de controle pela força das balas.

Aconteceu o massacre.

O resultado dessa operação foi mantido sob o manto do silêncio imposto pelos anos mais duros da ditadura militar, também conhecidos como anos de chumbo. Os trabalhadores da Usiminas passaram a falar sobre o massacre *à boca miúda*, no ambiente do trabalho, sem, contudo, permitir que tais opiniões chegassem ao conhecimento da chefia. A realidade daqueles trágicos dias permaneceu subjacente aos novos valores impostos pelos *novos* tempos, ao longo dos anos marcados pelo regime de exceção.

A melhor interpretação desses anos encontrei-a em um dos trechos da música *Apesar de você*, produzida por Chico Buarque, cujo teor diz: “a minha gente hoje anda falando de lado e olhando pro chão” ²¹.

A grande mudança aconteceu a partir deste episódio: o Corpo de Vigilantes da Usiminas, até então considerado despreparado, foi substituído e a força das balas foi trocada pelo controle social por parte da empresa. Profissionais do ramo das Ciências Sociais foram contratados na perspectiva não somente de moldar os costumes como convém a uma sociedade mais ordeira, como também induzir à unificação dessa cultura emergente, até então permeada por matizes políticos de toda natureza.

A prática da violência contra trabalhadores urbanos ou contra movimentos sociais rurais é estruturante e coloca o passado e o presente dentro de uma mesma realidade. Um massacre de trabalhadores, seja dos empregados da Usiminas em Ipatinga, na década de 1960, seja da CSN em Volta Redonda, na década de 1980, é canalizado para *a vala comum*, ou seja,

²¹ BUARQUE, Chico. Apesar de você. In: _____. **20 músicas do século XX**. São Paulo: Poly Gram, p 1998. 1 CD. Faixa 6.

o mesmo tipo de esquecimento proposital ²². Não está inserido na escala de prioridades fazer algum tipo de reivindicação em prol do reconhecimento atual por parte da empresa, em relação à atuação desses trabalhadores na época da construção, pois todos os elementos de um mesmo contexto social cumpriram e continuam cumprindo o papel ao qual se propuseram. A classe dominante fazendo um esforço descomunal para manter o *status quo* de gestora do espaço urbano e a classe dominada criando os mecanismos que possibilitavam escapar dessa secular dominação.

Para suavizar a leitura do trabalho, ele foi dividido em três capítulos. O primeiro deles privilegia a busca da empresa pela mão-de-obra necessária ao seu funcionamento, a forma utilizada para fazer o recrutamento ²³ do quadro de funcionários, cujo procedimento foi notado tanto no local quanto em outras praças. Também privilegia a busca de novas oportunidades por parte dos trabalhadores de todo o Brasil, que viram na região uma perspectiva de melhoria no padrão de vida. O sonho de encontrar em Ipatinga aquilo que poderia ser chamado de “a terra das oportunidades” fazia parte do pensamento da maioria desses migrantes. Pessoas de toda área do conhecimento humano, portadoras das mais diversificadas experiências profissionais e de vida, empreenderam a viagem dos sonhos na esperança de encontrar dias melhores pela frente. Dos profissionais regulares aos disponíveis no mercado informal, incluindo aí as prostitutas, formavam um contingente humano que rumou ao suposto *eldorado*, todos dispostos a provocar um compartilhamento nas relações sociais, em nome de uma nova expectativa de vida.

O segundo capítulo aborda a decepção em relação à cidade sonhada. A perplexidade desses migrantes ao encontrarem um local sem a menor infra-estrutura necessária ao atendimento das necessidades básicas de toda essa população. Sem alternativa, esses migrantes viram-se obrigados a moldar sua sobrevivência em função dessas carências, bem como criar os recursos necessários ao suprimento de milhares de pessoas. A cidade dos sonhos foi criada com o sacrifício dessas pessoas que, através de um entrelaçamento da cultura emergente com a residual, projetaram o seu espaço de sobrevivência.

O terceiro e último capítulo aborda a tentativa de controle total da empresa sobre os trabalhadores, tanto no ambiente fabril, quanto para além dessas fronteiras. A truculência

²² A prática de *se passar a borracha* em determinados conflitos sociais, nos quais os trabalhadores ou os pobres são massacrados, normalmente representa uma tentativa de induzir o fato ao esquecimento para que ele não componha o imaginário da população.

²³ O termo recrutar normalmente está vinculado a um chamamento de recruta, portanto aplicado ao arrolamento para o serviço militar. Entretanto, o senso comum – principalmente no Vale do Aço - generalizou o termo a ponto de citá-lo na identificação de um processo utilizado para amealhar, aliciar ou angariar mão-de-obra necessária ao funcionamento de determinado setor da economia. Essa afirmativa será constatada nas palavras dos entrevistados, quando falam sobre o processo de “recrutamento” da Usiminas.

suscitada pela empresa, no sentido de coibir a organização dos trabalhadores e a disseminação de idéias contrárias à dominação, gerou o acirramento da animosidade; e esse acirramento apontou na direção do confronto. Após o estabelecimento do confronto, as relações entre Empresa, Poder Político e Operariado adquiriram novos contornos, cuja contribuição foi indiscutível na formação da cultura e da história tanto da cidade quanto da sociedade emergente. O capítulo privilegia, ainda, as dificuldades encontradas no enfrentamento das relações de mando e subordinação, assim como as saídas insubordinadas a essas relações.

Entretanto, a opção por dividir o trabalho em capítulos obedece a um critério meramente didático, pois as discussões, nele elencadas, não estão confinadas a uma estrutura compartimentada. Ao contrário, o objetivo é pensar no desenvolvimento dos procedimentos criados por toda essa massa humana e refletir sobre as ações sociais desenvolvidas ao longo do contexto histórico analisado; e essas ações não são interrompidas ao longo do tempo, elas são contínuas.

Para além de um mero estudo sobre a ocupação regional desregrada e da carência de um trabalho estrutural prévio, a análise busca entender o desenvolvimento rápido dessa ocupação, privilegiando os conflitos dela decorrentes, assim como o avanço voraz dos capitalistas sobre a região, transformando-a em uma fonte de produção de mais capital. Para que esse objetivo fosse possível, o primeiro passo a ser tomado por essas pessoas com visão burguesa de vida foi o de transformar a terra, que até então obedecia a uma função social, em elemento de valor capitalista.

Capítulo I - Em busca do eldorado

Se hoje temos a preocupação com o avanço das fronteiras agrícolas que impõem um desmatamento desregrado às nossas reservas, outrora essa preocupação não existia, sobretudo com o avanço da urbanização e por que não dizer de uma cornubação embrionária local, no sentido de satisfazer a necessidade da população que estava se formando. A *Baixada*, como é chamado o Vale do Aço²⁴, estava sofrendo com a ação transformadora do homem sobre a natureza. Os morros, que, em um passado distante, serviram de base à Mata Atlântica e posteriormente às roças de eucalipto, agora estavam desaparecendo da configuração geográfica local, tudo em nome do progresso incipiente. Aqui podemos dividir a abordagem em dois momentos distintos: em primeiro lugar, a transformação de uma configuração primitiva, dando lugar às roças de eucaliptos para alimentar os fornos de gusa, presentes na região, ainda no período de Ipatinga pré-urbana. Nas palavras de Chernaïs e Serfati, *é necessário retornar às origens e aos fundamentos sociais desse modo de produção e de dominação social. [...] a guerra travada pelo capital para arrancar o campesinato à terra e para submeter a atividade agrícola inteira e exclusiva ao lucro*²⁵. Nota-se, portanto, os interesses capitalistas agindo em nome de uma transformação considerada *necessária*, que, em um segundo momento, seria reelaborada, justificada pelo progresso decorrente da chegada da Usiminas para a região.

Nesse sentido, encontramos em Wallerstein²⁶ a reflexão que nos permite compreender os acontecimentos de Ipatinga nesse contexto de mudanças. A devastação dos morros e das matas existentes era justificada pelos seus idealizadores, que também eram defensores do capitalismo, no discurso elaborado o qual une tais mudanças a algo extremamente positivo, sem levar em conta as questões ecológicas decorrentes de tais mudanças. Ressalta-se, nesse sentido, que o progresso, se não for acompanhado de um planejamento ecológico, dir-se-ia, um desenvolvimento sustentável no jargão da economia, terá efeitos efêmeros no plano do desenvolvimento econômico e duradouro na necessidade de recomposição do meio-ambiente. Assim, o autor questiona, com a devida propriedade, a eficácia do capitalismo como gerador de progresso em detrimento de outros sistemas que o antecederam.

²⁴ Vale do Aço é o espaço geográfico onde se constata a formação da cornubação dos municípios de Ipatinga, Coronel Fabriciano, e Timóteo. Esse espaço, que hoje é capitaneado pela cidade de Ipatinga, é carinhosamente identificado pelos moradores locais pelo termo *Baixada*.

²⁵ CHESNAIS, F.; SERFATI, C. A questão ambiental. *Crítica marxista*, v.16, 2003.

²⁶ WELLERSTEIN, I. Sobre progressos e transições. *Um balanço, Capitalismo Histórico & civilização capitalista*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

Nesse contexto de mudanças, produto de uma questionável proposta de progresso, as crianças demonstraram que viver é muito mais fácil para elas que para os adultos inseridos em tais propostas. Um pequeno gramado, na frente da casa escolhida como a primeira moradia no *eldorado*, logo serviu de campo de futebol para nós e alguns garotos que conhecemos na redondeza; e as impressões trocadas nos intervalos das *peladas* eram suficientes para preencher o tempo. Estávamos, portanto, alheios aos problemas dos adultos, que cuidavam de colocar a vida em ordem. Na frente da casa, minha irmã Neuza, com apenas oito anos, já travava um relacionamento muito amistoso com outras garotas da vizinhança. Mas, para os adultos, tudo parecia ser um pouco diferente, era nítida, nos semblantes das pessoas, certa dose de frustração com o local escolhido para a primeira moradia.

Um bom dia daqui, um como vai dali e, de repente, as mulheres já estavam também trocando suas impressões sobre o local. Minha mãe achava o bairro muito “*esquisito*”, Dorinha dava seus palpites, demonstrando uma frustração com a esperada *cidade grande*, mas via de regra, a vizinhança formava coro com essas falas entremeadas pelas pontas de insatisfação. Entretanto, nessas conversas aparentemente sem porvir, é que cada um desses agentes deixava escapar os reais motivos que os levaram a buscar aquela nova alternativa de vida. Nos depoimentos dos entrevistados, cada um relembra essa nova alternativa e faz a interpretação da sua real necessidade daquele momento. Na perspectiva de abrir mais o leque de informações sobre as expectativas, colhemos o depoimento de várias pessoas; dentre elas, o Sr. Moacir Lacerda²⁷, hoje aposentado e residente em Uberaba – MG. Ele relembra essa iniciativa da seguinte forma:

Paulo Almeida - O SR FOI PRA LÁ PRA TRABALHAR?

Moacir Lacerda - É pra trabalhar.....foi.....como é que se diz....é.....recrutado aqui.....

Paulo Almeida - RECRUTADO.....

Moacir Lacerda - Eu e o pessoal da Usiminas....(.....) várias pessoas que....várias pessoas que tavam interessada em ir pra lá, eu era interessado, eu ganhava até uma mixaria, eu era torneiro mecânico lá....então peraí... aí....vô procurá melhorá de vida....então é....17 de outubro....cheguei lá dia 18 de outubro, antigamente ou seria nessa estrada até Araxá, com ônibus melhorzinho, de Araxá pra lá.....a Belo Horizonte se pegava jardineira e estrada tudo de chão, estreita, poeira, buraco... se saía daqui 5:30 da manhã, chegava em Araxá, pegava um ônibus pior....né que era....o pessoal falava jardineira, num tinha poltrona reclinável, num tinha nada.....era poeira....você ia nessa serra da saudade aí, teno que encostá no barranco pra outro passá, aquela estradinha de boiadero mesmo.

O primeiro fato detalhado pelo Sr. Moacir deixa claro que a Usiminas veio fazer o recrutamento em Uberaba e é provável que esse procedimento estava em curso nas outras

²⁷ Fragmento da entrevista concedida pelo Sr. Moacir Lacerda, na residência do entrevistado, em 29 de junho de 2005.

cidades de Minas Gerais, para recrutar a mão-de-obra necessária ao funcionamento da empresa. Vale ressaltar que esse procedimento tinha como objetivo reunir o contingente de operários definitivo e necessário ao funcionamento da empresa e não de mão-de-obra utilizada em terraplenagem e montagem mecânica, ou seja, o emprego temporário. As empreiteiras eram contratadas para realizar parte da obra e providenciavam a mão-de-obra temporária destinada a cumprir o seu contrato. Nas relações de trabalho do século XIX, Hobsbawm²⁸ identifica os trabalhadores temporários como *estereotipo de artesãos*, ou seja, *os que obviamente não possuíam nem o treinamento especializado nem a técnica do ofício*. Respeitadas as diferenças espaciais e os avanços impostos pelo tempo, a citação sugere que as diferenças notadas nas relações de trabalho do século XIX ainda persistem em pleno século XX. Foi constatada a existência de trabalhadores, no canteiro de obras da Usiminas, que compõem a força de trabalho mais pesada, na construção da indústria e que, no final dela, não seriam absorvidos, na sua totalidade, para compor o quadro definitivo de operários. Dessa forma, o tratamento ensejado a esses *trabalhadores temporários* não era o mesmo destinado àqueles escolhidos para criar raízes na região e, como não poderia fugir à regra, esses *trabalhadores temporários*, também conhecidos como *peões de trecho* ou “tiracavacos”, sofriam uma espécie de discriminação não somente da população local como também do comércio da região²⁹.

No caso do Sr. Moacir, já se tratava de um emprego permanente, seu trabalho era destinado a colocar a indústria em ritmo de produção. A Usiminas estava formando seu quadro definitivo de operários e o entrevistado tinha profissão – era torneiro mecânico -, portanto mão-de-obra qualificada, necessária ao Departamento de Manutenção Mecânica do Complexo Industrial.

Outro fato interessante, visível na sua fala, é que o dia 17 de outubro foi considerado um marco de vida, tanto que se lembra da data sem ter que puxar pelo fio da memória. Ela lhe floresceu como se fosse um dado muito significativo e realmente era, pois ele era jovem na época e estava tomando uma decisão que poderia lhe garantir a estabilidade financeira por longos anos. Naturalmente esse fato é reinterpretado pelo entrevistado como um ato de coragem: romper com o passado e ir em busca de uma nova fonte.

²⁸ HOBBSBAWM, Eric. **Mundos do trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 264.

²⁹ Quando os empresários chegaram e instalaram as lojas de eletrodomésticos no Bairro Horto, principalmente as Lojas Silas, eles se dispuseram a vender eletrodomésticos para os trabalhadores da Usiminas, mediante o desconto das prestações em folha de pagamento. Todavia, como os trabalhadores das empreiteiras eram considerados temporários, não gozavam dessa prerrogativa destinada aos trabalhadores permanentes. Para a população da região, peão de trecho era diferente de peão da Usiminas.

Paulo Almeida - Sr. ERA SOLTEIRO NA ÉPOCA?

Moacir Lacerda - Era...

Paulo Almeida - E O Sr ERA SOZINHO ? COM A CARA E A CORAGEM?

Moacir Lacerda - Era....eu tinha 21 anos de idade, quando eu fui pra lá....

Paulo Almeida - O SR FOI TRABALHAR NA USIMINAS?

Moacir Lacerda - Na Usiminas, recrutado aqui.....né.....

Paulo Almeida - AH.....TÁ.....

Moacir Lacerda - Eu fiz o teste aqui, e um mês depois...³⁰

Ele interrompe a fala para se lembrar de outro assunto, mas deixa transparecer que um mês depois ele já estava *fichado* ³¹ na Usiminas. Uberaba está distante de Ipatinga cerca de 750 quilômetros e fazer esse traslado em estrada de chão não era nada fácil, principalmente quando é levada em consideração a quantidade de *baldeação* ³² que o percurso exigia na época. Se a estrada não era pavimentada, se era uma estrada de boiadeiro, como diz o entrevistado, não importava. O que se tornava relevante no momento era considerar o traslado como uma verdadeira aventura por parte desses operários. A mudança dependia de coragem, ousadia e determinação, pois não se tratava de sair em busca de um emprego temporário, era mais que isso: era um projeto de vida.

As evidências permitem inferir que o processo de recrutamento adotado pela Usiminas foi desencadeado em duas frentes: a primeira consubstanciava-se na busca de mão-de-obra especializada, que garantiria o processo produtivo da empresa e, para atender a essa exigência, seria necessário buscar esses operários em outros mananciais, seja em outras empresas, ou em escolas profissionalizantes. A segunda frente seria formar o corpo de operários menos qualificados, para executar tarefas sem exigência de especialização, isto é, os ajudantes de operação ou manutenção se ocupariam das tarefas de menor complexidade. Para preencher essas vagas, a empresa não necessitava buscar a mão-de-obra em locais mais remotos, poderia lançar mão da população local que disponibilizava seu potencial de trabalho nas carvoarias da região e de outros aventureiros que, apesar de não terem profissão, buscavam uma oportunidade no local.

Nelson Ribeiro trabalhou na Usiminas a partir de novembro de 1962, era natural de Juiz de Fora, hoje está aposentado e reside em Uberaba. Ele também, a exemplo de Moacir

³⁰ Fragmento da entrevista concedida pelo Sr. Moacir Lacerda, na residência do entrevistado, em 29 de junho de 2005.

³¹ Segundo Aurélio Buarque de Holanda, (1995), fichar significa anotar ou registrar em fichas; catalogar, fazer a ficha. Cada novo empregado era registrado no quadro de funcionários da empresa e passava, a partir desse momento, a possuir uma ficha na qual estava inserido seu nome. Essa ficha ganhava um número de inscrição que era o número do empregado. Ele ganhava uma nova identidade, um número, chamado de chapa e era através desse número que seria identificado a partir do momento do fichamento.

³² Em Minas Gerais, o termo é utilizado para caracterizar a troca de veículos. Os passageiros e as bagagens pessoais são transferidos para outro ônibus ou trem de passageiros.

Lacerda, era um profissional qualificado para atuar no setor de manutenção elétrica, portanto uma mão-de-obra especializada, que foi recrutada na cidade de origem.

Paulo Almeida – Quantos anos o sr. Tem?

Nelson Ribeiro – 67

Paulo Almeida – Sr. Nelson, o Sr. Trabalhou na Usiminas?

Nelson Ribeiro – Trabalhei.

Paulo Almeida – Quando o Sr. Chegou a Ipatinga?

Nelson Ribeiro – Dia... 11 de novembro de 62

Paulo Almeida – O Sr. Foi fazer o que lá? Trabalhava com que?

Nelson Ribeiro – Trabalhava na parte elétrica.

Paulo Almeida – Trabalhava aqui em Uberaba?

Nelson Ribeiro – não, não,

Paulo Almeida – Como é que o Sr. Chegou lá?

Nelson Ribeiro – Juiz de Fora... Eu morava em Juiz de Fora, certo? Trabalhava em Juiz de Fora... fiz o teste... e fui pra lá.

Paulo Almeida – Eles foram lá recrutar?

Nelson Ribeiro – Fora... lá em Juiz de Fora³³

A exemplo de Moacir Lacerda, Nelson Ribeiro também se lembra instantaneamente da data em que se transferiu para Ipatinga; portanto, para ele, também uma data muito significativa. Quanto ao processo de recrutamento, observamos que, quando se tratava de um trabalhador qualificado, essa mão-de-obra sempre vinha de fora, não era encontrada na região, mas, quando se tratava de recrutar mão-de-obra menos qualificada, a fala do entrevistado aponta noutra direção.

Nelson Ribeiro - [...] Porque o problema da vigilância lá... o problema da vigilância lá era sério... eles descia o cacete mesmo... certo? Se a pessoa respondesse ou errasse qualquer coisa ali, não quisesse abrir a capanga pra... chamava capanga na época né? Não quisesse abrir a bolsa lá pra poder mostrar qualquer coisa... , eles descia o pau.

Paulo Almeida – E POR QUE O Sr. ACHA QUE ERA ASSIM?

Nelson Ribeiro – Eu não sei porque... na época... segundo..., segundo dizem né, quando... quando eu entrei pra lá... disseram que até boiadeiro... o boiadeiro passava lá tocando boiada lá... o pessoal que tava recrutando da Usiminas... porque precisava de mão-de-obra... chegavam lá e oferecia um salário ao boiadeiro, o boiadeiro largava a boiada lá e ia trabalhar. Ninguém sabia quem era quem... certo? Ninguém sabia, tanto é que... quando foi em sessenta e quatro... que o DOPS começou a fazer a limpeza lá... você vê que saia gente lá que.. tinha dez assassinato em Mantena... tinha cinco assassinato em Espírito Santo, então... entrou muita gente que não tinha qualificação, naquela época eles não pediam, é, é, como se diz... um atestado de residência né... um atestado policial... não pedia nada. Naquela época.

No primeiro caso, quando se tratava de mão-de-obra qualificada, a empresa promovia o recrutamento em outros centros urbanos; porém a mão-de-obra menos qualificada era

³³ Fragmento da entrevista concedida em Uberaba, no dia 29 de junho de 2005, na residência do entrevistado. Nessa entrevista, sua esposa, Dona Maria Aparecida, também fala das suas dificuldades nos primeiros anos na região.

encontrada ali mesmo, junto aos carvoeiros, aos boiadeiros; enfim, à população nativa remanescente do antigo Arraial de Ipatinga. Para além de uma simples informação sobre a qualidade da mão-de-obra disponível na região, observa-se que Nelson aponta outras evidências, muito mais por aquilo que não fala. Nesse fragmento da entrevista, ele associa essa mão-de-obra sem qualificação ao Corpo de Vigilantes que trabalhava nas portarias da empresa. As evidências elencadas nessa fala permitem compreender que os vigilantes eram totalmente despreparados para assumirem uma responsabilidade dessa envergadura. Em outras entrevistas que se seguirão, será possível abstrair que uma das causas principais do conflito, deflagrado em 7 de outubro de 1963, foi o desentendimento entre os operários e os vigilantes. Esses desentendimentos originaram-se da forma truculenta com a qual eles abordavam os operários nos horários de final de jornada, ou troca de turnos.

Além do recrutamento normal dos operários qualificados e experientes em outras cidades e empresas, a Usiminas utilizou outro manancial. Buscou os jovens que concluíam os cursos profissionalizantes nas escolas do SENAI³⁴ e Edson dos Santos Faria foi um desses operários recrutados via SENAI.

Paulo Roberto - *FALE PARA MIM SEU NOME COMPLETO.*

Edson - *Edson Santos Faria*

Paulo Roberto - *VOCÊ ESTÁ COM QUANTOS ANOS, EDSON?*

Edson - *Hoje eu sou idoso... sessenta anos de idade... natural de Uberaba.*

Paulo Roberto - *E COMO VOCÊ SAIU DAQUI PRA... VOCÊ TRABALHOU EM IPATINGA NÉ? NA USIMINAS. COMO FOI ESSA HISTÓRIA?*

Edson - *Como eu sou ex-aluno do SENAI... Uberaba... então na época... na década de sessenta, a Usiminas... ela... a direção dela foi até inteligente, ela pegou convênio com o SENAI/MG... e onde no Estado tinha escola... ela pegou ex-aluno pra... ela convocou os ex-alunos, pra fazer a seleção em Belo Horizonte... e... ser funcionário dela. Então a gente foi (inaudível).*

Paulo Roberto - *É O CHAMADO PROCESSO DE RECRUTAMENTO. É... É... ELA VEIO AQUI EM UBERABA PRA RECRUTAR O PESSOAL OU VOCÊS FORAM EM BELO HORIZONTE?*

Edson - *Eles mandaram correspondência para todos os SENAI... e o diretor então fez a convocação... via meio de comunicação... e... alguns mais difíceis que não apresentavam... correspondências aos pais ou responsáveis... que tinha registros. Na época... eu estava em Jundiá trabalhando... na fábrica de torno... PROMEC, aí meu pai falou assim... eu passei na casa da minha avó lá em São Paulo e ele falou assim... não vai dar pra mim passar lá no Edson mas... podia passar alguém lá e falar pra ele ir para Uberaba que uma grande firma tá se instalando no Estado de Minas e.. (PR está recrutando) está recrutando... e o futuro deles é essa firma.*

³⁴ SENAI – **Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial**. Órgão criado durante o governo Vargas e amplamente utilizado durante a Ditadura Militar, especialmente durante o período conhecido como Milagre Econômico, como fonte de fornecimento de mão-de-obra para a indústria brasileira. Em Minas Gerais, o SENAI foi instalado em 1947 e, em 1951, já se encontravam unidades de ensino em 32 cidades mineiras.

Paulo Roberto - E VOCÊ FOI PRA IPATINGA QUANDO?

Edson - junho de 1962.

Paulo Roberto - MAS NESSA ÉPOCA VOCÊ NÃO ERA CASADO... ERA SOLTEIRO?

Edson - Não, eu tinha dezessete anos de idade.³⁵

A Tese de Doutorado da Dra. Heloísa Helena Pacheco Cardoso contribuiu para a compreensão sobre o contexto histórico, político e social em que foi criado o SENAI e sua importância na formação de mão-de-obra necessária para manter estável o quadro de funcionários especializados na indústria. Cardoso afirma: *SESI e SENAI compunham o sistema FIEMG de prestação de serviços dos industriais. Foram idealizados dentro do conceito de ordem social presente na visão burguesa sobre o capitalismo, cujo objetivo era o desenvolvimento nacional*³⁶ Em outro ponto da tese, ela confirma a assertiva, pois o SENAI se ocupa em manter uma classe trabalhadora disciplinada, em detrimento de uma classe reivindicativa e conhecedora dos seus direitos. Dessa forma, além de posicionar-se como interlocutora na tarefa de obter empregados para as indústrias que a ela recorriam, a instituição tratava também de forjar *uma classe ordeira e consciente de seus deveres para com o país*, em atendimento às necessidades da burguesia. Esse contingente estaria disponível às indústrias como um operariado dócil e amestrado. Todavia, é bom ressaltar que, para os jovens da época, o SENAI não representava um instrumento de reprodução da dominação, significava uma grande oportunidade de conciliar os estudos curriculares com a qualificação profissional a qual lhes garantiria uma porta aberta ao mercado de trabalho.

A estratégia utilizada pela empresa para atrair esses jovens recém-formados surtiu os efeitos desejados e, aparentemente, ela conseguiu se impor na condição de *a grande oportunidade* para quem estava desempregado e até para quem já estava empregado, mas almejava uma oportunidade melhor, ou do ponto de vista financeiro, ou do geográfico. Dentro dessa estratégia, ela encontra o elemento necessário para dar visibilidade ao seu discurso e controlar o imaginário social: o SENAI se posiciona como o grande interlocutor nesse processo de formação do seu quadro de funcionários especializados e, aos poucos, nota-se que vai se consolidando, paralelamente, essa idéia do *eldorado*, da grande oportunidade e isso fica claro no relato que Edson faz quando seu pai recomenda esse novo emprego: *podia passar alguém lá e falar pra ele ir para Uberaba que uma grande firma tá se instalando no*

³⁵ Fragmento da entrevista concedida pelo Sr. Edson Farias, em agosto de 2006, na residência do entrevistado, em Uberaba, MG.

³⁶ CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. **Conciliação, Reforma e Resistência:** governo, empresários e trabalhadores em Minas Gerais nos anos 50. 203, 1988, Tese de doutorado apresentada na Universidade de São Paulo, 1998, p. 133.

*Estado de Minas e... (PR está recrutando?) é... está recrutando... **e o futuro deles é essa firma.** (grifos meus)*

No decorrer da entrevista, observa-se que o processo de recrutamento da empresa ultrapassou as fronteiras do Estado. Quando Edson Farias tomou conhecimento da oportunidade, estava trabalhando em uma fábrica de tornos mecânicos, em Jundiaí, e seu pai residia em São Paulo. Dessa forma, é possível constatar que esse processo não ficou circunscrito ao Estado de Minas Gerais, pois está confirmado que a busca por mão-de-obra especializada ultrapassou tais fronteiras. Além disso, a entrevista dá indícios de que, no imaginário dessas pessoas, as oportunidades que surgiriam nessa região tornar-se-iam alvo de milhares de trabalhadores.

Das mais diversificadas regiões de Minas Gerais, os futuros operários da Usiminas eram recrutados e todos traziam, nas bagagens, a cultura local, a esperança e a dignidade das famílias que viriam posteriormente. Essa cultura esparsa e localizada, que cada um desses audaciosos peregrinos trazia em suas bagagens, juntou-se ao tradicionalismo arraigado, forjando uma cultura própria ao sabor das necessidades que eles enfrentavam nesse campo de disputas, nesse ambiente hostil, porém promissor. *O residual, por definição, foi efetivamente formado no passado, mas ainda está ativo no processo cultural, e, aos poucos, é incorporado pela cultura emergente.*³⁷ Ao interpretar as palavras de Raymond Williams, é possível ter uma melhor visão dos acontecimentos nesse período de formação da sociedade ipatinguense. A massa de trabalhadores recém-chegados ao arraial absorveu a cultura remanescente da época das carvoarias, incorporando-a aos costumes e cultura trazida por eles das diversas cidades de origem.

À medida que se aproximava a data de início das operações, aumentava também o volume de pessoas que chegavam de outras regiões. Por conseguinte, na mesma proporção, aumentavam também os problemas decorrentes da falta de planejamento para essas famílias, envolvendo principalmente aqueles referentes à moradia e ao abastecimento.

Ao fazer uma análise mais apurada do processo de construção da empresa e da questão do abastecimento, deparamos com os seguintes dados: legalmente, a Usiminas foi constituída em 25-04-1956 e o projeto inicial tinha por objetivo produzir 500.000 toneladas de aço anualmente. A construção teve início em 1958 e o capital foi disponibilizado mediante

³⁷ WILLIAMS, Raymond. Hegemonia. In: *Marxismo e Literatura*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 125.

acordos multilaterais³⁸, a área necessária ao empreendimento foi desapropriada em tempo recorde, uma vez que a legislação pertinente ao desenvolvimento do projeto siderúrgico estava contemplada. Enfim, todos os preparativos necessários ao desenvolvimento do grande empreendimento foram cuidadosamente planejados.

Preliminarmente, a escolha do local para a construção da Usina obedeceu às estratégias de proximidade das fontes de matéria-prima³⁹, facilidade de captação de recursos hídricos, disponibilidade de energia elétrica e abastecimento garantido por uma poderosa rede ferroviária⁴⁰. Os principais passos da montagem foram planejados em tempo recorde, exceto o de dotar o Arraial da infra-estrutura necessária ao abastecimento da população crescente em função da proximidade das operações. A principal *peça*⁴¹ do processo produtivo, o elemento humano, já estava a caminho do *eldorado* para colocar em funcionamento todo o complexo industrial. Os portadores dessa força estavam dispostos a gerar mais riqueza para o mundo capitalista, mas visavam, sobretudo, à participação, ainda que pequena, no montante de riquezas que seriam geradas por eles. Como a inauguração da Siderúrgica aconteceu em outubro de 1962, esse ano foi marcado, desde o início, por um acelerado processo de recrutamento, objetivando a formação desse corpo de operários. Fica evidente nas falas que, enquanto a Usiminas procurava operários em todas as partes do Estado, operários de vários pontos do país já estavam à procura de uma nova oportunidade.

A necessidade de ambas as partes, às vezes, impunha procedimentos nada convencionais, especialmente por se tratar de uma empresa, cujo controle acionário pertencia ao Estado. A urgência do momento e a aproximação da data-limite ao início das operações

³⁸ A formalização do projeto ocorreu em 13 de julho de 1957, com a assinatura de um acordo nipo-brasileiro – o Acordo Lanari-Horikoshi - que estabeleceu as características fundamentais da Usina Siderúrgica e os meios de cooperação técnica e financeira. Na mesma época, foi constituída, em Tóquio, a Nippon Usiminas Kabuskiki Kaisha, reunindo Governo e as maiores organizações japonesas para participar do capital da Usiminas, prestar assistência técnica e financiar equipamentos fabricados no Japão. Daquele capital inicial e de uma produção inicial de 500 mil toneladas anuais, a USIMINAS, após execução de três planos de expansão, evoluiu para um capital social de Cr\$78 bilhões, 537 milhões 780 mil já autorizados em Assembléia Geral [...] e atingiu uma capacidade de produção de 3,5 milhões de toneladas anuais de aço, transformando-se na maior Usina Siderúrgica da América Latina.

³⁹ Ipatinga está situada na Bacia do Rio Doce, 220m acima do nível do mar, superfície de 166,5 Km², Latitude Sul 19° 28' 46" e Longitude Oeste 42° 31' 18", a uma distância aproximada de 120 quilômetros da cidade de Itabira, principal fonte de minério de ferro de Minas Gerais e segunda maior jazida do Brasil.

⁴⁰ A cidade de Ipatinga é cortada por uma poderosa rede ferroviária: a Estrada de Ferro Vitória Minas, que liga Belo Horizonte a Vitória. Por essa ferrovia escoo o minério de ferro que é embarcado no Porto de Tubarão (Vitória), além de abastecer as demais siderúrgicas da região. É nessa estrada de ferro que passam os maiores comboios de minério de ferro do Mundo; composições que chegam a contar com sete locomotivas e mais de 480 vagões, todos carregados de minério de ferro.

⁴¹ Colocar em funcionamento um organismo dessa complexidade só é possível quando se concilia a racionalidade com o polegar opositor e esses elementos só são encontrados em um tipo de animal: o ser humano. Apesar de dotado de racionalidade, para as empresas capitalistas, o ser humano é relegado à condição de peça do sistema, haja vista que, na Usiminas, ele passa a ser identificado através de um número de inscrição.

implicaram na adoção desses procedimentos especiais, que extrapolaram os limites da legalidade por parte do setor de recrutamento da empresa. Não se trata aqui de dar visibilidade à utilização de mão-de-obra de garotos menores de idade no quadro de funcionários da empresa, mas a forma utilizada para *camuflar* o recrutamento desses jovens, o que implicou em omitir a real idade deles. A partir da inauguração do SENAI, a empresa passou a utilizar legalmente a mão-de-obra de menores no seu quadro de funcionários⁴², porém o que está em discussão, nesse momento, é a forma de recrutamento que parecia ocultar o fato de estar utilizando tal tipo de mão-de-obra. A fala de Edson Farias demonstra a utilização desses recursos:

Paulo Roberto - Dezesete anos? E você chegou lá, como é que você se instalou lá... onde você foi mora... , como era?

Edson - Nós fomos para Belo Horizonte. Saímos daqui de Uberaba no trem. Naquela época ainda existia a Rede Ferroviária. [...] ali era a Estação Ferroviária. Ela dava a volta ali onde você [...] e embora (**PR**- você foi de trem) é... nós fomos de trem, nós fomos... um vagão e meio. Só de ex-aluno do SENAI. Aí chegamos em Belo Horizonte, fizemos os testes lá no SESI e... noventa e nove por cento passou tudo... todos jovens... alguns tinham problema de saúde ou coração... agente não sabia... não foram. E nós... que éramos de menor... eu mais uns oito... nós fomos chamados no recrutamento da Usiminas, na rua Timbiras... e um nos falou assim: vocês estão indo pra lá... **vocês são de menor... não entregue sua carteira profissional lá. Quando vocês completarem dezoito anos, tirem a carteira de maior, vão lá e entregue. Se alguém perguntar pela carteira sua, vocês falem que esqueceram em Uberaba... e vão enrolando eles até completar os dezoito anos.** Aí... quando completarem os dezoito anos, vocês tirem a carteira, tirem o Título de Eleitor... fez um série de observações lá né..., tirem a identidade... antigamente era pequenininha... identidadezinha verdinha... e assim nós fizemos. (**grifo meu**)

Paulo Roberto- Quer dizer que você começou a trabalhar na Usiminas menor de idade ainda e não tinha Carteira Profissional, nada, e foi enrolando até completar a maioridade?

Edson- Nós apresentamos em Belo Horizonte todo o documento... certidão de nascimento tudo que eles pediram né... , e mais o cadastro que eles tinham nosso... do SENAI né, então foi assim.⁴³

Enquanto várias pessoas saíam das cidades do interior das Minas Gerais, outras se deslocavam da zona metropolitana de Belo Horizonte para conseguir novas oportunidades no

⁴² O SENAI, como instituto de formação de mão-de-obra especializada para as indústrias nos anos compreendidos entre as décadas de 1960 e 1980, oportunizava ao jovem estabelecer com a empresa um contrato de trabalho mesmo ele sendo menor de idade. Eu mesmo fui aluno do SENAI entre os anos 1969 e 1972, estudando em tempo integral. Na parte da manhã, a escola ministrava as matérias curriculares pertinentes ao curso ginasial e, na parte da tarde, os trabalhos teóricos e práticos referentes à formação profissional eram ministrados aos alunos. Terminado o curso de eletricidade, em 1972, fui disponibilizado para a empresa, com 17 anos incompletos, assinando, dessa forma, meu primeiro contrato de trabalho em 12 de fevereiro de 1972, com a chapa de número 15.606.

⁴³ Fragmento da entrevista concedida pelo Sr. Edson Farias, em agosto de 2006, na residência do entrevistado, em Uberaba, MG.

interior do Estado. Novamente encontramos o SENAI como o grande interlocutor no processo de aliciamento de empregados, dessa vez já estabelecidos, utilizando como chamativo os meios de comunicação de massa, no caso os jornais de ofertas de empregos. Nas análises anteriores, é possível observar que muitos mudaram de cidade, outros de emprego e surgiram casos diferentes, em que os operários mudaram de profissão para conseguir seus objetivos: o de procurar novas perspectivas de vida. Evidenciar tal procedimento como aliciamento de empregados tem como objetivo dar visibilidade às necessidades emergenciais da empresa. Ela também se lança em um campo de disputas muito mais abrangente, pois o recrutamento era feito no plano estadual, ou, em alguns casos, na esfera nacional. O depoimento de Virgílio Rocha⁴⁴ demonstra, com clareza, a forma utilizada pela empresa para conseguir essa mão-de-obra especializada.

Paulo Roberto - COMO É SEU NOME COMPLETO?

Virgílio Rocha - Virgílio Rocha.

Paulo Roberto - VOCÊ FOI PARA IPATINGA QUANDO?

Virgílio Rocha - Eu fui para Ipatinga.... princípio.... janeiro de sessenta e dois.

Paulo Roberto - CÊ MORAVA ONDE NA ÉPOCA?

Virgílio Rocha - Na época.... cê fala em Ipatinga?

Paulo Roberto - ANTES DE CÊ IR PARA IPATINGA CÊ MORAVA ONDE?

Virgílio Rocha - Morava em Belo Horizonte.

Paulo Roberto - EM BELO HORIZONTE?

Virgílio Rocha - Morava em Belo Horizonte.. surgiu então a oportunidade de tá indo pra.... pra Ipatinga pela Usiminas. A Usiminas na ocasião oferecia um estágio... um estágio... era um curso que tinha no SENAI.. de Belo Horizonte... e... aonde foi uma... uma boa.... vinha gente de... Uberaba, Juiz de Fora, uma série de... de lugares de Minas né... e.. essas pessoas eu tive a... eu queria fazer um curso como o de... projetista... e depois eu fui convidado pra ir como mecânico. Então no... no finalzinho no mês de dezembro de... de 61... é.. eu fiz uma viagem pra Ipatinga pe ... pela Usiminas já... pra gente ver a situação que seria ficar.. depois resolvero... a gente taria retornando pra Belo Horizonte e ia em janeiro. E aí eu já fui já... pra mecânica.

Paulo Roberto – POIS É MAS.. E.. E VOCÊ FICOU SABENDO DA USIMINAS ATRAVÉS DE QUÊ? FOI ALGUM... JORNAL... OU O SENAI QUE AVISOU... CUMÉ QUI FOI?

Virgílio Rocha - Não foi... foi através de... jornais...de alguma coisa como oferece-se um estágio... aí eu me interessei... teve uma.... uma.. um teste em Belo Horizonte e eu... a Usiminas anunciou isto eu fiz a... inscrição... fiz o psicotécnico... passei e aí eu ingressei.... ta... tava trabalhano na Manesmann, pedi demissão pra ir pra Usiminas, acreditava numa oportunidade bemmm..... é... bem ... melhor... e.... quando na realidade... até... em termos salariais foi até menor... um... um pouquinho abaixo.. mas eu acreditava numa oportunidade assim da... inclusive mudano de profissão... e depois acabei ficano convidado pra... permanecer na mecânica continuei na... não num é.... tudo aquilo que eu tava pensano mas a Usiminas foi uma escola pra mim... é eu tinha

⁴⁴ Entrevista concedida por Virgílio Rocha, na sua residência, às 20 horas do dia 5 de maio de 2006. Virgílio é natural de Nova Lima, trabalhou em Belo Horizonte, Ipatinga, Poços de Caldas e Uberaba. Hoje ele é aposentado, faz parte da Diretoria do Sindicato de Empregados da Indústria Química e de Fertilizantes de Uberaba, continua trabalhando na empresa de Adubos e Corretivos Agrícolas de Uberaba.

*pouco tempo de formação... considero uma excelente escola e... e... assim.. eu fui pra Ipatinga.*⁴⁵

Nesse caso, não se pode creditar ao entrevistado a necessidade de buscar uma melhoria imediata do padrão de vida. Apesar de satisfeito com o salário e de ter um bom emprego, o entrevistado almejava uma mudança de rumos, queria uma nova profissão, no caso, projetista. O sonho inicial não chegou a ser realizado, mas Virgílio acabou mudando de área, o que mais tarde lhe seria de grande utilidade. O convite para ir para a Usiminas como mecânico foi aceito imediatamente e a mudança viria, não em curto prazo como idealizado, porém resultou em uma grande mudança no seu estilo de vida, sobretudo pelo fato de considerar o novo emprego como uma escola que lhe abriria novas portas ao longo da sua vida, como realmente aconteceu. Depois da Usiminas, Virgílio trabalhou na Alcoa, em Poços de Caldas, e na Fosfertil, em Uberaba, trilhando os caminhos que aprimorara, depois de ter buscado novas alternativas como estagiar no SENAI e aceitar o desafio de laborar, não na sua profissão de origem, tampouco naquela que queria, mas naquela que lhe foi disponibilizada nesse constante movimento de mudanças.

Dentre as muitas histórias rememoradas pelos seus sujeitos, histórias forjadas em um ambiente adverso àquele outrora imaginado como sendo o sonho da cidade grande, deparamos com o choque das perspectivas desses agentes, quando posicionados no local idealizado como sendo o *eldorado*. O impacto causado pela chegada a esse novo ambiente causou perplexidade, sem, contudo, aniquilar as expectativas formadas em torno desse imaginário. Os desafios, que se formariam diante das dificuldades apresentadas pelo cotidiano, despertariam nesses forasteiros uma força interior jamais imaginada; e é dessa força que eles tirariam a essência necessária à construção do seu sonho. É, nesse fazer do cotidiano, que os agentes deixaram suas marcas no plano da história, moldando a construção do *eldorado* à luz das suas necessidades, tirando, desse campo de conflitos, o necessário para demonstrar sua oposição, sua voz dissonante ao controle imposto pela classe dirigente, via de regra, gestora do espaço urbano.

A chegada à cidade causou perplexidade a todos que vinham de outras regiões do Estado e os fartos fluxos migratórios prometiam um forte adensamento urbano para um futuro breve. O sonho de encontrar uma cidade bem estruturada, com os recursos necessários para abrigar decentemente essas famílias, sucumbiu no primeiro contato que esses migrantes

⁴⁵ Fragmento da entrevista concedida pelo Sr. Virgílio Rocha, em sua residência, em Uberaba, MG, no dia 13 de setembro de 2006.

tiveram com a realidade. Esse choque fez mudar o traçado elaborado durante a viagem dos sonhos. Se não havia o essencial para a sobrevivência, agora era tarde para se voltar atrás: *alea jaecta est* ⁴⁶.

Considerando que os recursos necessários à sobrevivência dessas famílias eram inexistentes, outro caminho não seria possível senão criar as condições necessárias.

A luta pela sobrevivência, que se abriu com a decisão de buscar uma nova perspectiva de vida, toma corpo nesse campo de disputas. Ipatinga passa a ser, nesse momento histórico, o local onde cada um desses agentes vai se forjar no calor da batalha; e os sujeitos passam a se movimentar dentro desse campo, imprimindo suas marcas na construção da cidade, fazendo-se enquanto agentes históricos, promovendo transformações em todos os planos, incluindo o cultural e o estrutural. Tudo isso em nome da própria sobrevivência.

Minha família morou quatro meses no bairro Caladinho de Cima, município de Coronel Fabriciano; e o contato com a cidade de Ipatinga só aconteceu com a mudança para o Bairro Maringá, construído pela Usiminas, para abrigar famílias dos operários menos qualificados. Apesar de pertencer a Coronel Fabriciano, o bairro tinha ligação total com o município de Ipatinga e, durante vários meses, os empregados da Usiminas disponibilizaram o nome em uma longa lista de espera que era contemplada à medida que as casas eram construídas. O critério utilizado para a entrega das chaves aos contemplados com a moradia era desconhecido, mas posso afiançar que, aqueles, os quais já estavam com suas famílias na cidade, tinham certa prioridade. Nota-se que a disputa pela moradia, se não foi feita de forma desordenada como na remodelação do centro urbano da cidade, estendeu-se entre os funcionários da empresa, uma vez que todos estavam ansiosos para trazer suas famílias para perto de si. Essa disputa pelas moradias do bairro transformava os operários em concorrentes uns dos outros.

Dessa forma, é possível inferir que, depois de um período de espera e a superação dos problemas mais emergentes de adaptação, as atenções se voltaram para a conquista de um local definitivo de moradia.

Essa conquista não dependia somente dos empregados. Na medida em que os bairros ficavam prontos as casas eram disponibilizadas, entretanto, essa disponibilidade estava diretamente vinculada a divisão hierárquica interna da empresa. Assim, os trabalhadores teriam que esperar a disponibilidade de casas no bairro apropriado à sua condição social.

⁴⁶ A sorte está lançada.

Passados esses quatro primeiros meses, meu pai *ganhou* uma casa no Bairro Maringá, que mais tarde, teria o nome mudado para Amaro Lanari⁴⁷, nome do primeiro Presidente da Usiminas.

Ao evidenciar o termo *ganhou*, coloco em movimento a tentativa, feita pela empresa, de propagar a idéia de que as casas eram distribuídas como sendo uma benesse concedida por ela aos operários e estes *deveriam* se sentir agradecidos pela oportunidade *rara* de terem conseguido uma casa para a família. Esse gesto certamente implicaria o fato de deflagrar uma relação de mando/subordinação e, por conseguinte, uma disputa que, naquele momento, avançava para além do espaço físico. A empresa, ao criar esse termo, impôs a relação de mando aos operários recém-chegados de outras cidades, reservando-lhes o espaço da subordinação, delimitado pela moldagem de seus valores e comportamentos. Ficaram instituídas, com essas iniciativas, as áreas de atuação de ambos os lados: de um, a empresa estendendo sua influência na área social para além do espaço fabril; de outro, os operários sendo disciplinados no sentido de acatar as ordens superiores e, assim, agraciados com o que Simone Weil considerou o *torrão de açúcar* reservado aos *gorilas amestrados*.⁴⁸

Se, de um lado, a investida de controle por parte da empresa ganhou visibilidade, de outro, é possível deduzir que tais operações não foram impostas sem a devida oposição dos trabalhadores a essas estratégias patronais.

Enquanto esses travavam uma luta pela moradia, evidentemente, dentro das regras impostas pela empresa, no espaço que ainda escapava ao comando empresarial, a luta pelo controle do espaço urbano não era diferente. Sem uma legislação municipal adequada aos *novos tempos*, criou-se um *anacronismo verificado entre o crescimento da população e o desenvolvimento urbano*, nesses primeiros anos de mudança. O grande fluxo humano para a região teve início em 1958, com o início das obras e, até abril de 1964, o Arraial de Ipatinga era controlado pela Prefeitura de Coronel Fabriciano; portanto, foi impossível criar alguma legislação específica para o distrito, porque a comunidade ipatinguense já se mobilizava no

⁴⁷ O antigo Bairro Maringá fundiu-se com o Bairro Candangolândia e, juntos, por determinação da Usiminas, formaram o Bairro Amaro Lanari que, do ponto de vista geográfico, está inserido no município de Coronel Fabriciano, mas seu cotidiano está ligado a Ipatinga. O bairro é composto literalmente por funcionários da Usiminas e seu comércio normalmente é comandado por pessoas aposentadas, do quadro de empregados da empresa. Até mesmo a rede de telefonia está inserida na rede de Ipatinga e no catálogo de Ipatinga, mas, na hora de votar, todos votam em Coronel Fabriciano. Desde que foi fundado, surgiu um movimento, reivindicando a absorção do bairro pela cidade de Ipatinga, mas, como Coronel Fabriciano perderia essa fonte de impostos, o local tornou-se alvo de disputa pelas duas cidades. Se dependesse da vontade da população local, o bairro já teria sido incorporado pela cidade de Ipatinga.

⁴⁸ O termo “*gorila amestrado*” surgiu com a divisão social do trabalho, mais especificamente com a criação das linhas de produção da indústria automobilística dos Estados Unidos. Portanto é um termo mais vinculado ao Fordismo. O trabalhador tem seus ímpetos controlados por algum tipo de “agrado” fornecido pelo patrão.

sentido de obter a emancipação política do local. Coronel Fabriciano era resistente a essa iniciativa, pois as autoridades públicas vislumbravam uma arrecadação recorde com o início das operações.

Enquanto os embates tomavam corpo, evidenciavam-se os discursos, cada um defendendo seus interesses e o teor deles apontava para um acirramento entre as diversas facções. Três correntes disputavam idéias distintas: Coronel Fabriciano era contra a emancipação política do arraial por motivos óbvios; a arrecadação de impostos aumentaria na mesma proporção do aumento da população. A Sociedade Amigos de Ipatinga pregava a emancipação e, nesse ambiente, os políticos colocavam seus interesses em jogo. A Usiminas, através da sua diretoria, colocava em evidência o interesse de controlar as ações sociais; por conseguinte, tornar-se-ia a detentora do poder político local. Todavia, em meio a esse emaranhado de disputas, o arraial de Ipatinga permanecia com sua aparência tosca.



Foto nº 3 - Centro do Arraial de Ipatinga – Acervo Sr. Moacir Lacerda.

O senhor Moacir Lacerda mantém, em seu acervo, uma fotografia do Arraial. Ela reproduz o que era o local antes da chegada dos operários da Usiminas e que hoje se transformou no centro da cidade. Fotografias como essa eram vendidas como cartões postais da época, e o Sr. Moacir justifica, desta forma, a aquisição delas:

Paulo Almeida - SR. MOACIR, POR QUÊ O Sr. GUARDÔ ESSAS FOTOGRAFIAS?

Moacir Lacerda - Porque isso aí foi uma das primeiras coisas que eu comprei....eu queria mostrá pros meus pais aonde eu tava....

Paulo Almeida - Sr. COMPRÔ, QUANDO O SR. FOI PRA LÁ É?

Moacir Lacerda - Isso era emendado né....era....

Paulo Almeida - MAS ENTÃO SÃO POSTAIS, NA VERDADE, QUE CÊ COMPRÔ PRA MOSTRÁ PRA FAMÍLIA DO Sr. AONDE O Sr. TAVA....

Moacir Lacerda - Eles ficaram horrorizado....eu falei mas eu não moro....se viu aí....

Paulo Almeida - EU VI...

Moacir Lacerda - A Ipatinga aquela bagunça, de barraco....não eu moro aqui...tal...

Paulo Almeida - Sr. COMPRÔ NA ÉPOCA ENTÃO, SÊ CHEGÔ LÁ E FOI COMPRÁ PRA DIZÊ.....PRA....

Moacir Lacerda - Ipatinga....lá é tudo cercado de morro....assim

Paulo Almeida - O SR. ME MOSTROU UMAS FOTOS, SR. TAVA DIZENDO QUE IPATINGA ERA UMA BAGUNÇA....ERA UMA....

Moacir Lacerda - Era.... o centro lá era....⁴⁹

É importante ressaltar o significado que esse documento representa para o entrevistado. Ele mantém a fotografia de mais de quarenta anos atrás, como forma de relembrar os dias difíceis pelos quais passou e, ao reelaborar essas memórias, o entrevistado parece interpretar o sentimento de perplexidade de sua família em relação ao local onde ele estava vivendo. Ele traduz, em expressão facial, a repulsa da família ao contemplar aquele amontoado de barracos como a possível moradia de um ente querido. *Eles ficaram horrorizado* diz Moacir Lacerda ao sintetizar, em uma frase, todo o sentimento dos parentes. Provavelmente essa não era a opinião apenas da família de Moacir, pois acredito ser pouco provável alguém que morasse em outra cidade qualquer, pequena ou grande, encontrasse nesse local o ambiente sonhado para viver e constituir família. Moacir procura minimizar o efeito devastador da fotografia, pois, em outro ponto da entrevista, demonstra a preocupação em afirmar que não morava nesse local, morava em um bairro chamado Candangolândia, hoje Amaro Lanari.

Ao centrar o foco das atenções na História Oral como metodologia de construção de um trabalho, é necessário considerar as palavras de Alessandro Portelli. Segundo ele, *o que vemos na História Oral é mais a memória que cada ser humano tem individualmente* e faz parte dessa memória o acervo fotográfico que Moacir mantém em boas condições no caso de relembrar os idos anos de sua juventude.

A primeira impressão obtida sobre a realidade local, com base nessa informação, é de que o centro do Arraial era totalmente desorganizado. Dir-se-ia, um amontoado de barracos entremeados por vielas e becos, cuja ligação era feita do nada a lugar algum, mas o que observamos, ao debruçar sobre as necessidades da população local, é que esse espaço estava organizado de acordo com a realidade dos habitantes da região, há várias décadas, talvez mais de século. Um lugar pacato, no qual a vida era contemplada e degustada a cada minuto; um

⁴⁹ Fragmento da entrevista concedida pelo Sr. Moacir Lacerda, na residência do entrevistado, em 29 de junho de 2005.

local onde o relógio biológico ainda ditava as normas locais e a transmissão oral das experiências fazia do arraial um ambiente de uma cultura homogeneizada.

Na análise que Thompson faz da formação da classe operária inglesa, compara dois momentos distintos que servem de suporte ao entendimento da formação da classe operária em Ipatinga. No primeiro caso faz menção ao período em que as sociedades eram controladas pelo relógio biológico e essa reflexão nos induz a pensar no período de Ipatinga pré-urbana, onde as atividades simples do cotidiano da vila eram orientadas pelas tarefas, portanto, não permitia pensar no tempo como lucro.

*Sem dúvida esse descaso pelo tempo do relógio só é possível numa comunidade de pequenos agricultores e pescadores, cuja estrutura de mercado e administração é mínima, e na qual as tarefas diárias (que podem variar da pesca ao plantio, construção de casas, remendo de redes, feitura de telhados, de um berço ou de um caixão) parecem se desenrolar, pela lógica da necessidade, diante dos olhos do pequeno lavrador.*⁵⁰

Pensar em Ipatinga no período pré-urbano implica compreender que o mercado local não estava inserido na dinâmica dos grandes centros urbanos e a administração pública era mínima, pois Coronel Fabriciano não importava com o lugarejo até a chegada da indústria. Thompson propõe ainda no texto “Tempo, disciplina de trabalho e Capitalismo Industrial”, três questões sobre a forma de trabalho pela orientação das tarefas. Na primeira interpretação ele afirma que esse tipo de orientação *é mais humanamente compreensível do que o trabalho de horário marcado. O camponês ou trabalhador parece cuidar do que é uma necessidade.*

Na segunda questão afirma que *nas comunidades em que a orientação pelas tarefas é comum parece haver pouca separação entre o “Trabalho” e a “vida.”* Nessa segunda questão afirma que as relações sociais se misturam com o trabalho, pois no cumprimento das tarefas o dia era flexível, podendo “esticar” ou “contrair” de acordo com a necessidade da tarefa.

Na terceira questão Thompson analisa outro momento dessas sociedades, ou pelo menos o pensamento que se faz de uma que já esteja inserida no tempo da industrialização, portanto, submetida ao tempo do relógio. Ele afirma que *aos homens acostumados com o trabalho marcado pelo relógio, essa atitude para com o trabalho parece perdulária e carente de urgência.*

Nessa terceira questão o autor instiga à compreensão de que a organização do arraial de Ipatinga, sem mercado dinâmico e poder público atuante, estava “ameaçada” com a chegada de milhares de trabalhadores de toda parte do Brasil.

⁵⁰ THOMPSON, E.P. **Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial** In: Costumes em comum. Estudos sobre a cultura tradicional. São Paulo. Cia das Letras. 1998. p. 271, 272.

Quando a necessidade impõe uma mudança dessa envergadura, proporciona também a oportunidade de “desorganização” desse espaço, até então ordenado à luz dos costumes locais. O tempo das atividades orientadas pela realização das tarefas parecia estar com os dias contados e o esgotamento desse tempo, certamente abria espaço para uma nova lógica de ordenamento, tanto do espaço físico quanto da sociedade.

Ao perceber o desenvolvimento das modificações pertinentes às novas necessidades, percebo também, que nessas mudanças, focalizo os primeiros embates sobre a forma de se organizar o espaço urbano visto de outro ângulo, agora, contemplando a necessidade de milhares de operários. O relógio do capital substituiu o relógio biológico e a cultura local se mesclou às experiências das mais diversas regiões do país, com a finalidade de extrair daí uma cultura própria da cidade em formação. Nota-se aqui o residual cedendo lugar ao emergente. Esse processo foi lento e só se manifestou mais claramente, ou seja, através de uma cultura própria da cidade, quando a primeira geração de ipatinguenses, filha desses trabalhadores oriundos de outras paragens, tornou-se adulta. Indagado sobre essas mudanças, Moacir Lacerda relembra:

Paulo Roberto - E QUANDO É.....Sr.....QUANDO COMEÇOU A MUDÁ ISSO, O Sr. LEMBRA?

Moacir Lacerda - Devagarzim.....é.....é.....como sê vê na fotografia aí.....era tudo tábuas de caixote os barracos, num tinha rua direito, num tinha nada.....a cidade, num tinha energia elétrica.....era lampião.....se a noite lá era um medo.....perigo andá.....todo dia amanhecia gente morto na rua.....coberto com jornal.....era assim.....o boi, porco era.....era abatido no meio da rua.....descarnado ali memo.....cê vê a bagunça que era.....então se tinha medo de andá em Ipatinga, a noite nem pensá.....num ia lá não.....Ipatinga, o centro eles sabe lá, que tem essa distinção, é.....mais depois.....é.....é.....quando Ipatinga emancipô.....porque pertencia.....era distrito de Coronel Fabriciano, depois que emancipô.....deve tê.....35 ou 40 ano.....que emancipô.....aí começaram a fazê boas construções.....aquela área que tinha os eucaliptos.....é.....foi desmatado tudo ali.....construíram ruas, avenidas.....ficô uma beleza.....agora se vai andá lá, se não vai de carro não.....se não tinha lugar de estacioná.....a cidade, o município de Ipatinga é pequeno.....na ponte ino pro aeroporto, já é Caratinga.....onde fica aeroporto, que é aeroporto.....eles fala agora aeroporto da Usiminas.....num pode falá aeroporto de Ipatinga.....porque tá em área de Mesquita.....um outro município pra frente.....cada lado esquerdo.....é como que eu tava dizeno....⁵¹

Nesse ponto da narrativa, observa-se uma abordagem feita pelo entrevistado sobre Ipatinga, como uma cidade já inserida na dinâmica de desenvolvimento acentuada. Ele fala de aeroporto, desmatamento, urbanização e emancipação política. A emancipação só ocorreu em abril de 1964. Ipatinga é hoje a cidade mais importante dos municípios contíguos do Vale do

⁵¹ Fragmento da entrevista concedida pelo Sr. Moacir Lacerda, na residência do entrevistado, em 29 de junho de 2005.

Aço e todos tiveram seu processo de urbanização desenvolvido antes da década de 1950; exceto Ipatinga, cujo processo teve início a partir da decisão de construir a indústria nesse local. Entretanto, ele aborda também a situação caótica em que se transformou o arraial dentro da nova dinâmica do capital e da disputa que a população fez por gêneros alimentícios. Os quadros subsequentes nos dão uma idéia não só do processo de urbanização como também do crescimento populacional.

De acordo com os dados disponíveis, notamos que, em 1960, quando a empresa já estava na fase de montagem mecânica, teve início o *boom* populacional que provocou toda essa mudança.

Grau de urbanização (%)

Município	1940	1950	1960	1970	1980	1991
Coronel Fabriciano	37,38	34,24	86,28	91,30	96,64	98,06
Ipatinga	-	-	45,92	93,33	99,21	99,31
Itabira	21,71	32,39	44,38	73,11	82,52	85,32
João Monlevade	-	86,81	88,37	96,67	97,87	96,74
Timóteo	27,52	7,69	86,30	91,33	92,35	94,34

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos 1940, 1950, 1960, 1980, 1991.

População total

	1940	1950	1960	1970	1980	1991
Coronel Fabriciano	3 791	10 373	16 949	41 120	75 709	87 439
Ipatinga	-	-	9 114	47 882	150 322	180 069
Itabira	28 803	25 274	37 387	56 352	71 115	85 606
João Monlevade	-	12 865	30 602	39 988	48 208	59 340
Timóteo	1 748	11 813	22 938	32 760	50 607	58 298

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos 1940, 1950, 1960, 1980, 1991.

Nota: os dados inexistentes referem-se ao período anterior à emancipação dos municípios. ⁵²

Apenas na década de 1960, a população de Ipatinga quintuplicou, saltando de 9 mil para 47 mil habitantes, e esse *boom* populacional provocou as mudanças mais radicais no município. De uma situação de pessoas as quais transitam no contingente dos “sem”, ou seja,

⁵² BRAGA, Tânia Moreira. **Gestão ambiental, conflito e produção social do espaço sob o signo da (mono) indústria**. 1997. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – Universidade de São Paulo – São Paulo. p. 35.

sem teto, sem terra, sem alimentos, podemos considerar que grande parte da população se inseria nesse universo; mas, em um determinado “sem”, não era possível inseri-los: “os sem-esperança.” Apesar de mal acomodados, mal alimentados, mal vestidos e mal morados, grande parte dessa massa humana era unânime em relação às suas expectativas: se o *eldorado* não estava pronto, haveria de ser construído; e essa era a perspectiva desse povo.

A expansão urbana decorrente desse crescimento populacional não poderia obedecer a outra lógica que não fosse a da necessidade emergente. Assim, observa-se que a ausência de uma infra-estrutura consistente despertou, nos mais abastados, a necessidade de proceder-se à mercantilização do espaço urbano; a terra passou a equivaler a uma mercadoria qualquer, sobretudo pela grande liquidez que ela alcançou nesses tempos de larga procura por moradia. Via de regra, a maioria das cidades, quando passa pelas transformações pertinentes ao processo de industrialização, submete-se também ao processo de segregação espacial. Além de o centro urbano passar por um radical processo de desodorização, essa segregação impõe ao pobre o sentimento de estrangeiro dentro desse espaço, nesse momento transformado em reduto reservado aos mais ricos.

As relações de mando e subordinação acontecem naturalmente em qualquer ambiente, entretanto ganham contornos diferenciados, quando analisadas em dois períodos distintos: o de Ipatinga pré-urbana e o de Ipatinga já inserida em uma dinâmica de transformações. No primeiro momento, em virtude do pequeno número de habitantes no arraial e a dificuldade em obter um posto de trabalho fora desse ambiente, admite-se uma maior submissão às vontades dos dominantes, sem, contudo, querer insinuar a inexistência de reações. No segundo momento, a realidade foi bem diferente: para que o capital disponibilizado em tais operações se multiplicasse, os capitalistas passaram a exigir maior disciplina sobre a massa de trabalhadores e, em contraposição a essa *coisificação* do operariado, aconteceu o fortalecimento do movimento de resistências, naquele momento *vitaminado* pelas experiências trazidas de outros ambientes fabris.

Nessa dinâmica de mudanças, entende-se que o espaço urbano passou a ser organizado em função das necessidades da indústria, da lógica ditada pela perspectiva de uma cidade industrial, já que os bairros operários ficaram incomparavelmente mais populosos que o centro urbano, onde hoje está localizado o mercado central e o comércio em geral.

Até o início da década de 1990, Ipatinga foi uma cidade atípica. Isso porque havia um fato curioso: a favela foi construída na parte mais baixa da cidade ao invés de ser no morro, como ocorre na maioria das cidades brasileiras. No final da década de 1950, quando a notícia da existência de novas oportunidades na região espalhou-se pelo Brasil, milhares de pessoas

se deslocaram para a região; dentre elas, mulheres das cidades circunvizinhas, à procura de oportunidades que não encontraram nas cidades de origem.

As pessoas recém-chegadas das diversas partes do estado não encontravam lugar para morar. Dessa forma, uma prática comum foi tomando conta da cidade: a disputa por um “canto” que serviria de moradia a esses esperançosos peregrinos. A Rua do Buraco, localizada às margens do Ribeirão Ipanema, assim como as ruas próximas, como Araxá, Diamantina e Uberaba, foram totalmente tomadas, pela proliferação de barracos de tábuas, ou precárias construções em alvenaria, em sua maioria, tipo meia-água. Foi justamente nesse ambiente que surgiu a primeira zona boêmia da cidade, um espaço conhecido como Juá. Um espaço reservado à prática da prostituição na cidade de Ipatinga.

Secularmente a zona boêmia é reconhecida pelo imaginário popular como um espaço envolto em mistérios e lembranças de toda natureza. Além de abarcar parte da população que praticamente sobrevivia de bicos, como ajudar os *botequeiros* por uma gorjeta, ou pequenos favores às mulheres, como buscar alguma roupa na costureira ou um remédio na farmácia, atraía também os boêmios de carreira, artistas que, envolvidos pelo ambiente, deram visibilidade ao cotidiano da boêmia e elaboraram composições marcantes da época, na história da música. Não era raro algum boêmio de boa voz animar as noites nos bares da zona, sempre acompanhado de um violão e rodeado de mulheres e homens dispostos a pagar a rodada *saideira*, se o violeiro tocasse a música “A volta do boêmio” de Nelson Gonçalves.

O ato de se prostituir, sobreviveu ao tempo encoberto por um manto de diversos matizes, mantendo, entretanto, o objeto do desejo, comum no espaço público, onde a permissividade extrapolou as imposições do privado, prescindindo temporariamente, dos limites do lar. O espaço público da prostituição ganhou notoriedade no século XX, período em que se popularizou o espaço denominado “zona boêmia”, cantado em verso e prosa pelos boêmios da década de 1940 até 1970.

O fato de dar-se, dispor-se ou oferecer-se, descrito no latim como “Pró-statuari”, estigmatiza a mulher como objeto de desejo e o homem como escravo da luxúria. Nas alcovas pecaminosas dos recantos da periferia. Sempre sob o manto noturno, sorrateiramente, homens de todas as classes sociais esgueiravam-se pelos becos, entre os cortiços, na esperança de conseguir um efêmero carinho obtido a troco do vil metal.

*Curiosamente a história e o imaginário popular colocou a mulher de “vida fácil” na condição de perdida sedutora que corrompe os homens, facilmente engajáveis pela lascívia, mentira e pecado. Mas será que toda mulher, por sua natureza, está propensa a trilhar por esse caminho, ou seria isso fruto de um preconceito histórico que a colocou na redoma do lar, impondo-lhe a limitação do espaço privado?*⁵³

⁵³ RODRIGUES, Cristian Vicente; SOUZA, Paulo Roberto; RESENDE, William; AUGUSTOS, Alexandre. Antolhos da Imprensa, a prostituição em Uberaba na década de 1940. In: VI SIMPÓSIO DA HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, 2004, Franca, S. P., v. único.

O texto, por si só, coloca em cheque o termo *mulher de vida fácil*. Faz um cotejamento entre o imaginário do momento e os reais motivos que levaram tais mulheres a submeterem-se a esse tipo de vida. Muitas vezes, humilhadas pelos próprios “fregueses” e tratadas como mercadoria pelos mais insensíveis, essas mulheres não freqüentavam as rodas de violas e expunham-se a todo tipo de homem, por simples prazer. Vale ressaltar que as filhas que tiveram algum tipo de experiência sexual fora do casamento eram expulsas de casa, por “macular” a honra da família, evidenciando aí a herança cultural de uma sociedade patriarcal e machista.

O tempo se incumbiu de dar visibilidade a essa prática, e o prostíbulo, no caso o Juá, tornou-se um lugar abarrotado de homens, inebriados por hálitos insalubres e ofuscados pela fumaça constante do local. Alguns mais desencantados que as próprias prostitutas aparentemente sem porvir, à procura de um prazer temporário, o qual lhes suprimisse a ausência de perspectivas, uma volúpia que muitas vezes *varava* ⁵⁴ as noites ipatinguenses. Mas seria essa uma forma correta de considerar a prostituição? De forma generalizada, abarcando-a como se fosse igual em todos os lugares, como fruto apenas da luxúria e da tendência pecaminosa? Seria justo submeter essas mulheres a um tipo de processo inquisitório e medieval denominado o martelo das feiticeiras?

Não me parece racional interpretar a prostituição em Ipatinga dessa maneira simplista. Da mesma forma que trabalhadores do Brasil inteiro procuravam esse *eldorado* na esperança de dias melhores, essas *beduínas*, odiadas pelas *mulheres da sociedade* e amadas pelos homens da região, estavam, nesse momento, à procura de melhores condições de vida, por sentirem-se excluídas do mercado de trabalho. Escorraçadas pela família e detestadas pelas outras mulheres de suas cidades, procuravam Ipatinga para ganhar um bom dinheiro e abandonar a vida na prostituição. A maioria delas formulava um discurso que parecia ensaiado, sobre sua perspectiva de vida. Não havia vozes dissonantes, quando se tratava de abandonar a vida da boêmia e dedicar-se ao sonho de constituir uma família, apesar de conformadas com o destino de viver no prostíbulo. O sonho sobrevivia ao cotidiano; para muitas delas, considerado humilhação.

A notícia da existência de casas de prostituição no centro da vila correu de boca em boca e foi bem recebida pelos homens que construíam a Usina. O cotidiano desses trabalhadores era permeado pelo trabalho e pelo descanso, sem nenhuma diversão; às vezes, um campinho de futebol ou um jogo de baralho nos alojamentos. Entretanto, não havia um

⁵⁴ Ir do início ao fim.

espaço reservado ao lazer. Sendo assim, a zona boêmia se transformou no centro dos prazeres da *peãozada* e preencheu esse espaço vazio, até então reservado ao ofício de não ter o que fazer, além de construir a indústria. Em determinado momento da entrevista com o Sr. Moacir Lacerda, foi feita a seguinte pergunta:

Paulo Roberto. O SENHOR CHEGOU A MORAR NA CANDANGOLÂNDIA?

Moacir Lacerda - É.....

Num tinha nada é....quando eu morava em Candangolândia, eu morei sete meses....oito meses lá....nessa....nesse alojamento de madeira, né....com os beliche, tudo madeira de caixote....era assim....então ali ficava conversando, batendo papo...só isso, num tinha outra coisa.....

Paulo Roberto - E FINAL DE SEMANA?

Moacir Lacerda - AH.....

O pessoal.... nem lá num vendia bebida alcoólica, era só refrigerante os bares.....mas o pessoal, vinha aqui em Ipatinga no centro.....que era cidade livre....essa.....essa bagunça que se vê aqui.... (apontando para a fotografia do centro do arraial de Ipatinga) Nas fotografia....depois se vê....é.....o pessoal ia lá comprava garrafa de pinga, garrafão e enchia a cara aqui no alojamento....era a única diversão, jogá baralho quem sabia.....ia até dá a hora de dormi, dez hora da noite....pra dormi....era assim....e tinha aqueles mais exaltado, mexia com alguma mulher na rua.....aquele negócio....um dia...um sábado.....um domingo, nos estava lá na porta.....de manhã, eles tinham prendido.....⁵⁵

A mesmice do cotidiano, apontada pelo Sr. Moacir, as idas e vindas no percurso entre o trabalho e os alojamentos levavam os trabalhadores a uma condição que hoje seria identificada como *estressante*. As alternativas para se travarem relações além das já formadas no ambiente fabril, eram muito próximas de zero; dessa forma, muitos trabalhadores procuravam o meretrício não somente para a prática do sexo, mas também para se relacionarem com pessoas diferentes daquelas inseridas no cotidiano dos alojamentos.

A importância creditada ao meretrício no contexto de formação da cidade tem suas razões: nesse espaço, construíam-se sonhos, compartilhavam-se esperanças e sabores, além de confrontarem-se experiências de toda natureza, muitas delas recíprocas. Enfim, desenvolvia-se toda sorte de relações sociais, inclusive aquelas permeadas por altercações, que faziam identificar as atividades praticadas no local como um caso de polícia. Dessa forma, a zona boêmia transformou-se também no ambiente onde a repressão se fez notar nos anos mais duros da ditadura, momento conciliado com o processo de desodorização do espaço urbano. A presença de um ambiente dessa natureza, no espaço geográfico entendido pela burguesia como sendo dela, ou seja, o centro da cidade incomodava toda a sociedade,

⁵⁵ Fragmento da entrevista concedida pelo Sr. Moacir Lacerda, na residência do entrevistado, em 29 de junho de 2005.

principalmente os comerciantes, cuja freguesia feminina era afastada em função da presença indesejada das prostitutas.

Não havia, nos anos iniciais de ocupação do arraial por esses operários, elementos de controle social, os quais visavam a separar os interesses pessoais desses operários dos produtivos da empresa. Não havia motivos para promover, por exemplo, a racionalização do sexo. As evidências demonstram que, pela estrutura do momento, o sexo já se encontrara naturalmente racionalizado.

Olhando de outra perspectiva, com a cidade e a empresa já inseridas em uma dinâmica produtiva, o assunto seria tratado de forma bem diferente. A industrialização trouxe, em seu bojo, novos valores; na maioria dos casos, objetivando maiores índices no processo produtivo. Ao analisar o fordismo como novo método de produção, deparamos com a visão de Gramsci em relação ao controle dos instintos sexuais dos operários: ele afirma que *não se pode desenvolver o novo tipo de homem exigido pela racionalização da produção e do trabalho enquanto o instinto sexual não for adequadamente regulamentado, não for também racionalizado*⁵⁶. Essa realidade seria instalada a partir do desenvolvimento da produção; todavia, encontramos, no momento de montagem da empresa e dos movimentos migratórios para a região, uma cidade na qual as relações fora do ambiente fabril deveriam ser toleradas, principalmente para manter os operários adaptados ao ambiente, garantindo, dessa forma, um melhor nível de produção.

Ainda nesse período mais remoto, foi possível notar que mulheres chegavam de todas as cidades vizinhas: Valadares, Caratinga, Marliéria, Antonio Dias, entre outras. Até do estado do Espírito Santo chegavam novas mulheres, sem que houvesse algum processo de recrutamento dessas trabalhadoras, consideradas profissionais do sexo.

Paralelamente chegavam também os exploradores dessas mulheres, os gigolôs aproveitadores. Com o tempo, esses elementos colocariam tais mulheres sob sua administração, utilizando-as para obter a maior quantidade possível de dinheiro. Posteriormente, esses gigolôs lhes virariam as costas, principalmente quando o corpo delas entrasse em fase de decadência. Não se trata aqui de fazer um juízo de valor, nem de generalizar o tratamento dispensado a elas, mas, dentro da lógica capitalista da sobrevivência, a mulher de físico decadente era descartada para dar lugar a outra que pudesse manter a casa cheia. Um desses gigolôs, o Gaúcho, dono do “Bar do Gaúcho”, tinha dinheiro e montou um dos melhores ambientes para a prática da prostituição. Dividiu um antigo barraco e fez o

⁵⁶ GRAMSCI, Antônio. Americanismo e Fordismo. **Cadernos do Cárcere**, v. 4. COUTINHO, Carlos Nelson et al. (orgs.). RJ: Civilização Brasileira, 2001. p. 252.

tradicional *puxadinho*, que, depois de reestruturado, transformou-se em três quartos apertados, onde as prostitutas faziam o *michê*⁵⁷. Corria à *boca miúda* que o Gaúcho era um operador de guindaste, mas, ao perceber que a Vila poderia lhe oferecer uma fonte de renda melhor que trabalhar como operador de máquinas mudou de profissão. Montou o Bar da Rua do Buraco, com muitas lâmpadas coloridas, uma boa vitrola e muitos discos de Lindomar Castilho, Nelson Gonçalves, Altemar Dutra, além de um bom número de mulheres novas – as mais valorizadas -, que dançavam, exibindo seus corpos seminus para despertar o interesse da freguesia. Notamos, aqui, as transformações que elas provocaram na construção do *eldorado* e notamos também como a sociedade é dinâmica nesse processo de formação: todos se movimentando, imprimindo suas marcas, travando relações e modificando o cotidiano no seu entorno, à luz das suas necessidades. É a cidade moldando-se ao homem.

As mulheres do meretrício sempre estiveram à mercê da incompreensão, da humilhação e sujeitas aos mais variados tipos de preconceitos. Eram identificadas por nomes muito estranhos de acordo com a região onde habitavam: *putas, piranhas, biscates, capivaras, tias, quengas, polacas e muié-dama*. Entretanto, nunca encontrei um nome tão estranho como o que foi utilizado em Ipatinga para identificar as profissionais do sexo. Elas eram reconhecidas por “*cambriaxas*” e esse nome deu origem a um verbo, no mínimo bizarro. Quando os rapazes iam para a zona gastar a sobra do pagamento, eles diziam que iam *cambriaxar*. Além disso, aqueles boêmios inveterados, que passavam diariamente pelo prostíbulo, eram chamados de *cambriaxeiros*.

O cotidiano da zona era bastante dinâmico: os bares iniciavam suas atividades ao cair da noite e encerravam ao amanhecer. Quando abriam o expediente, as mulheres se preparavam com as melhores roupas, maquiavam-se, compartilhavam as expectativas para aquela noite; enquanto o dono do estabelecimento carregava a vitrola com os mesmos discos utilizados na noite anterior. Nos dias em que as empreiteiras ou a Usiminas efetuavam o pagamento dos funcionários, o frenesi era maior e as expectativas de uma ótima noite de trabalho aumentavam à medida que a casa enchia. Da Rua Diamantina, de onde se tinha acesso à Rua do Buraco, fregueses começavam a chegar timidamente. Alguns se esgueiravam entre os becos escuros, procurando se ocultar para evitar um indesejável reconhecimento e, em pouco tempo, encontravam-se com aquelas por quem nutriam certa simpatia. Em dias normais, nos períodos fora de pagamentos, os fregueses mais assíduos ocupavam um tempo maior dessas mulheres e alguns chegavam a aprofundar seu relacionamento, a ponto de criar

⁵⁷ No vocabulário da zona, fazer *michê* é o mesmo que fazer sexo.

um envolvimento emocional com elas e, às vezes, até acenavam com a possibilidade de retirá-las daquele ambiente. Essas conversas, muitas vezes, nutriam algumas esperanças nessas incautas criaturas.

Nos dias de pagamento, o cotidiano da zona era alterado, pois o dono do estabelecimento limitava o tempo do *michê* de cada freguês, a fim de tornar o estabelecimento com alta rotatividade; entretanto, ele tinha que ter a dosagem certa para não espantar os fregueses, que, se maltratados, procuravam outra taberna. As empreiteiras efetuavam o pagamento semanalmente, portanto os empregados das empreiteiras garantiam a rotatividade do prostíbulo nos fins de semana, mas o *grosso* do movimento era no final do mês, quando a Usiminas efetuava o pagamento mensal do seu quadro de funcionários. O cotidiano da zona, nesses dias de alta rotatividade, pode ser visto através do diálogo entre duas dessas mulheres:

*Ei, Tertinha, tua noite foi boa, foi? Pergunta Paraibinha à amiga que encontra saindo do Bar da Rosa à procura de sua toca para dormir.
Iche Maria nem te conto! To até descaderada, e tu? Responde Tertinha bocejando.
Mulé, tu precisava de vê. Nem bem lavava de um homem e já tinha outro entrando. Num sei nem quanto é que ganhei, só sei que to toda arreventada.*⁵⁸

Curiosamente, o dinheiro que as mulheres recebiam durante os dias de maior movimento não fazia fartura, pois raramente elas conseguiam administrá-lo a ponto de tornarem-se livres dos seus cafetões. Além disso, gastavam muito com sua manutenção e a disputa pela preferência dos clientes requeria uma apresentação para realmente chamar a atenção. Portanto, a compra de roupas de noite e de perfumes consumia boa parte do dinheiro dessas mulheres, além de considerar também que o *grosso* desse dinheiro ficava nas mãos dos donos dos bares para o pagamento da alimentação, da hospedagem e de dívidas pessoais contraídas com esses comerciantes.

Nota-se que, até mesmo dentro desse ambiente de trabalho, havia uma disputa: no caso, uma disputa pela sobrevivência. Quanto melhor elas se apresentassem e quanto mais “aprimorado fosse o seu trabalho”, mais generosidade haveria por parte daqueles que desfrutavam desses raros momentos de aconchego nos braços de uma mulher. O Juá estava sempre aberto aos solteiros, mas, não raramente, os homens casados, que deixaram para trás suas esposas, encontravam nesse ambiente um aconchego que não era suficiente para substituir o carinho das esposas, porém funcionava como uma medida paliativa ao fogo natural desses homens.

⁵⁸ FONTES, Rui de Siqueira. **Juá, a Rua dos Desencantos**, Vitória – ES: Delgraf, [1990]. p. 34.

Quando é feita uma análise sobre esses longínquos dias, envolvendo essas mulheres, tal prática tem como escopo evidenciar a importância delas nas vidas desses trabalhadores. Melhor dizendo, sua importância no contexto da formação da cidade. Entretanto, é necessário compreender que a prostituição foi necessária, em um determinado momento da formação da cidade, para conter os instintos sexuais dos trabalhadores que não tinham companhia feminina. Após a chegada das famílias, essa prática seria sufocada por *uma tentativa de criar uma nova ética sexual adequada aos novos métodos de produção e trabalho* ⁵⁹ que seria imposta pela empresa no momento adequado. *Deve-se observar como os industriais (especialmente Ford) se interessam pelas relações sexuais de seus empregados e, em geral, pela organização de suas famílias; a aparência de ‘puritanismo assumida’ por esse interesse.* ⁶⁰ Quando a Usiminas conseguiu organizar o espaço social destinado aos seus empregados, à luz das suas necessidades, a racionalização do sexo passou a fazer parte do cotidiano dos empregados, influenciando inclusive no relacionamento interno da fábrica. Mas, enquanto essa nova ordem não passou a controlar o cotidiano dos empregados, as mulheres do Juá foram imprescindíveis aos primeiros anos no *eldorado*.

O desequilíbrio existente entre a quantidade de homens e mulheres na região fazia delas as mais belas do Planeta. A maioria esmagadora da população era masculina, cujas famílias só viriam mais tarde, depois de formados os bairros operários; e havia também uma quantidade muito grande de rapazes solteiros, que também *garimpavam* alguma companhia feminina para o seu dia-a-dia. Como a maioria das mulheres de Ipatinga já estava comprometida, a solução para grande parte desses rapazes era se contentar com as *cambriaxas* do Juá. Além do campo de disputa pela sobrevivência, novos contornos são notados nesse espaço. Além da luta por alimentação e moradia, deparamos agora com uma disputa por mulheres, cujas presenças não eram significativas na cidade. Mas há que se compreender que elas também tinham sonhos como todas as pessoas têm. Sua passagem pelo meretrício não era uma questão de escolha. Muitas vezes, a própria família as empurrava nessa direção. A maioria delas tinha uma esperança de que, algum dia, aparecesse um homem que as tirasse desse ambiente, mas a realidade era bem outra: a maioria desses homens virava as costas às mulheres, uma vez satisfeitas as necessidades básicas deles. Além de cafetões, como o Gaúcho, havia também as cafetinas mais compreensivas e, geralmente, mulheres experientes que já trilharam os mesmos caminhos que essas “meninas”, portanto tratavam-nas como se fossem suas próprias filhas. Dona Fia era uma dessas mulheres, e interessante é evidenciar

⁵⁹ GRAMSCI, A. op. cit., p. 252.

⁶⁰ GRAMSCI, A. op. cit., p. 252.

que levava *suas meninas* para ajudá-las a abrir conta no Banco, onde elas guardariam as economias. Foi numa dessas idas que Geraldina acabou recebendo uma lição de vida.

Enquanto Fia providencia os papéis para a abertura das contas, Geraldina vê um homem com quem já tivera relações algumas vezes e comenta com a amiga: - Despidadamente, Nádia, olha aquele homem lá naquele canto de parede do lado de dentro do banco, à sua esquerda. Ele já teve comigo um bucado de vez, só não sabia que ele trabalhava aqui! Bonitão ele, heim! Mas como todo homem, é sem-vergonha e só quer fazer fantasia na cabeça da gente! Te garanto que se ele te ver vai fazer de conta que nunca te viu! -Uai, será que é mesmo? Questiona Geraldina, pondo em dúvida a suspeita da amiga. - Pois se duvida, experimenta! - Provoca Nádia por brincadeira. Geraldina querendo mostrar que Nádia estava enganada, vira-se para o lado onde o homem está sentado, próximo a uma parede, e começa a olhar em sua direção para chamar sua atenção. Não demora muito e ela a vê, Geraldina faz um discreto aceno e ele envermelha preocupado. Antes que ela tente qualquer novo sinal, ele se levanta rápido e entra por uma porta próxima como se estivesse a fugir. Num te falei, muié, que os homens são tudo safado! Só querem a gente pra satisfazer as safadezas deles e acham que é só pagar que a gente esquece tudo como se fosse máquina! Eu sabia que era assim, só te falei procê conhecer melhor os homens! - fala Nádia.⁶¹

A luta dessas mulheres para cavar a sobrevivência nesse espaço era tão difícil quanto a dos operários que fizeram suas apostas na vida em Ipatinga, ou talvez até mais acentuada, pois elas estavam sujeitas a certos tipos de preconceitos a que os operários não estavam. A começar do preconceito familiar, cujo espaço se fechou para muitas meninas que deram um *mau passo* na vida. Pixaim relata sua experiência e seu encontro com a vida de boêmia:

Quando meu pai soube que eu fui demitida da loja e que eu já não era mais moça, me deu uma surra que até quebrou esse dente aqui. - Pixaim abre a boca mostrando o dente quebrado para o freguês - E teus pais sabe que ocê tá aqui em Ipatinga? - Deus me livre! Sumi do mapa pra eles e nunca mais dei notícias! Meu pai queria que eu namorasse e casasse como uma moça de fãmia e eu também pensava assim! Mas, a gente foi feita do jeito que Deus quis e minha sina mesmo era ser mulher de zona. Num to arrependida não, porque tô aqui, porque quero. A única revolta que tenho é da besteirada que fiz com o gerente da loja. Coisa de moça louca que não se controla.⁶²

Muitos moradores locais consideravam Ipatinga como uma *curva de rio*, na qual era depositado todo o rejeito que a água consegue carregar; uma alusão à massa humana heterogênea e recém-chegada de todas as partes do país em busca de novas oportunidades. Um ambiente que, segundo parte da população, abarcou todo tipo de pessoas desprovidas de porvir, muitas delas rejeitadas em suas cidades de origem, como é o caso de Pixaim, e que encontraram em Ipatinga uma oportunidade para tentar refazer a vida, ou iniciá-la de acordo com a necessidade do momento. Nesse contexto, tomando por base a construção da sociedade como um todo, observamos Ipatinga da década de 1960 como um espaço apropriado a uma perspectiva que vai para além de uma simples

⁶¹ FONTES, Rui de Siqueira., op. cit. p. 58

⁶² FONTES, Rui de Siqueira. Op. cit. p. 60.

oportunidade, um ambiente que perpassa a mera expectativa de recuperação de um emprego perdido. Era um local no qual as pessoas reorganizaram suas forças no sentido de recuperar sua dignidade, de refazer a vida, cada um com suas especificidades próprias. Um *eldorado* que proporcionaria a oportunidade *de renascer das cinzas*.

Do ponto de vista historiográfico, Ipatinga era um manancial como poucos, cuja formação ética e estética implicou aproximações, distanciamentos, rupturas e reconciliações. Um local privilegiado para entender as dinâmicas das pessoas com suas respectivas realidades, imprimindo marcos e símbolos, disputando espaços, socializando culturas e disputando memórias. As pessoas deixavam suas marcas à medida que se locomoviam nesse espaço de produção social, sujeitando-se não somente às relações de mando e subordinação, mas também se impondo à resistência e à insubordinação à medida que se fizesse necessário. Um local onde a heterogeneidade étnica e a diversidade cultural tornaram-se os marcos da construção de um espaço comum, mesmo mantendo áreas de atuação distintas.

Além das pessoas que chegavam das cidades de Minas e de outros Estados do Brasil, deparamos com outras, que encontravam, além desses problemas comuns, a barreira da linguagem. Tratava-se de técnicos que vieram de outros países, principalmente do Japão, o grande fornecedor de equipamentos para a montagem da Usiminas. Esses não padeciam das necessidades materiais encontradas entre os trabalhadores recrutados para dar início às atividades produtivas, pois a Usiminas se incumbia de dar-lhes o aparato material necessário à sobrevivência; mas, por outro lado, padeciam do isolamento imposto pelas diferenças culturais, principalmente a da língua. Quando se arriscavam a dar uma *voltinha* pela Vila, esses técnicos despertavam tanta curiosidade que se tornavam alvo dos olhares indiscretos de uma população que jamais tinha visto um japonês na vida.

As pessoas que procuravam a cidade estavam sempre sujeitas ao imprevisto e às alternativas temporárias para garantirem a sobrevivência. Se, de um lado, muitas mulheres disputavam a preferência dos homens, exibindo seus corpos seminus; de outro, as igrejas evangélicas se acomodavam em pequenos barracos, improvisando templos que tinham por finalidade *salvar* essas e muitas outras consideradas por elas como *almas perdidas*. Os políticos se movimentavam no sentido de conseguir a emancipação política da Vila, naturalmente visando à grande oportunidade de disputar a liderança política desse espaço promissor. Notamos comerciantes das cidades contíguas, locomovendo-se para o local, na esperança de realizar bons negócios, abrindo filiais das suas lojas de origem, uma vez que a infra-estrutura local era insuficiente para o abastecimento da população crescente. E foi assim que, na soma de interesses pessoais, políticos e capitalistas, a população local deu início à construção do seu próprio espaço.

Capítulo II – A construção da cidade

Neste capítulo, procuro dar visibilidade aos esforços que os agentes empreendem no sentido de construir o tão sonhado espaço de sobrevivência. A esperança presente no imaginário da maioria das pessoas não se consolidou, à medida que a realidade se descortinou para os migrantes que chegavam à cidade. Ao contrário do que sonhavam, os primeiros dias foram de desencantos, desencontros e de uma procura incessante por moradia, até mesmo por gêneros alimentícios e água potável. De um lado, os empregados da Usiminas, recém-chegados de suas origens, acomodaram-se em alojamentos de tábua com quartos para quatro trabalhadores e banheiros coletivos; de outro, os empregados das empreiteiras, procurando se acomodar nas poucas residências existentes no Arraial. Mas havia ainda um terceiro viés: outros que chegaram à região sem condições de sobreviver, não tinham sequer dinheiro para pagar o aluguel de um quarto. Esses passaram a morar debaixo das carrocerias de velhos caminhões encostados pelo tempo de uso, ou construíam barracos de tábua para servir de moradia.

A ausência de um poder público atuante, em razão do desinteresse pelo local, implicou a “organização” do espaço por iniciativa dos próprios trabalhadores e moradores, numa histórica conjugação de esforços de diversos interesses e, a partir dessa iniciativa, o poder público despertou para a necessidade dos habitantes. Mas cabe aqui uma reflexão: o que é organizar o espaço senão moldar o ambiente às necessidades da maioria? Todavia, para promover essa organização, foi necessário, por outro lado, desorganizar o espaço, de acordo com as necessidades dos moradores locais. Dessa forma, muitos embates surgiram desse momento da história de Ipatinga; foi *costurada* uma nova teia de interesses dentre outros já existentes, naquele momento com visibilidade maior para a esperança dos trabalhadores recém-chegados e dos capitalistas que se transferiram para o local, na esperança de aproveitar o momento da industrialização incipiente. Foi nesse ambiente, às vezes hostil, e, muitas outras, decepcionantes, que transitaram os sujeitos influenciados pelos mais variados tipos de interesses: aqueles que buscavam apenas uma oportunidade de fazerem-se como cidadãos, e outros que viam na cidade uma oportunidade de aplicar seu capital na esperança de vê-lo multiplicado.

A análise das marcas impressas por esses sujeitos, nesse período de construção e instalação, constitui o mote deste capítulo. Os enredos desenvolvidos ao longo dessas experiências de acomodação do ponto de vista físico trazem à tona a convergência para um

viver comum dentro da cidade. Esses enredos consubstanciam-se na *espinha dorsal* do trabalho, não perdendo de vista as diversas imposições dos agentes controladores, tais como a empresa e os grandes capitalistas, cujas presenças se fizeram notar nas disputas pelo controle do espaço urbano. Faz parte da análise, também, a divisão do espaço físico entre a cidade de Ipatinga e a cidade da Usiminas. A cidade da esquerda da linha férrea e a cidade da direita da mesma linha. A cidade dos bairros operários e a cidade dos outros bairros. O comportamento diferenciado dos comerciantes locais, dividindo os moradores em duas classes distintas: os trabalhadores da Usiminas e os outros trabalhadores. Decorre dessa reflexão uma pergunta bastante pertinente: a quem interessava esse tipo de dicotomia?

Além dessa gama de informações e dúvidas, constituiu como elemento propulsor das relações de forças que emergirão desses embates, a tentativa que a empresa fez de colocar sob seu estrito domínio, inclusive geográfico, os moradores dos bairros operários por ela construídos. A análise fotográfica da região traz à tona evidências de um *acantonamento* dos operários nesses diversos bairros. As grandes mudanças tiveram início, óbvio, com a construção da empresa; e essa iniciativa acarretou transformações de toda natureza, tanto no centro como na periferia da cidade.

Ipatinga foi transformada em um enorme canteiro de obras. As empreiteiras responsáveis pela construção civil da Usiminas já entregavam as unidades fixas em concreto armado e os equipamentos chegavam em ritmo acelerado, com a aproximação das datas previstas no cronograma das operações. Os trens de carga da EFVM – Estrada de Ferro Vitória Minas – pareciam fretados exclusivamente para a Usiminas, devido à grande quantidade de vagões que chegavam abarrotados de novos equipamentos. A maioria do material pertinente à montagem mecânica, elétrica e eletrônica vinha do Japão, pois a Usiminas foi formada a partir de um consórcio nipo-brasileiro. Vale lembrar que o Japão estava saindo de um período de destruição, imposto pelas bombas americanas e sua busca obstinada por novos mercados tinha como finalidade a recuperação econômica e industrial no pós-guerra.

Para garantir a integridade física dos equipamentos transportados por mais de dez mil quilômetros, a transportadora usou invólucros confeccionados em tábuas de pinho, e esses caixotes, uma vez retirados os equipamentos, eram colocados às margens da cerca que isolava a empresa do restante da cidade; por conseguinte, esse material era disponibilizado a quem quisesse fazer uso dele. As pessoas recolhiam-no para fazer cercas e, especialmente, barracos que serviriam de moradia a quem não possuía um local para abrigar-se. Vale dizer: não se tratava de uma prática duradoura no cotidiano dessas pessoas, apenas uma solução paliativa

em face da urgência do momento; tratava-se de uma saída emergencial, como garantia à sobrevivência, um *teto* improvisado para proteger-se do relento. Por outro lado, esse material, uma vez cumprida a função criada para ele, a de proteger o equipamento, era descartado, pois ocupava espaço no interior da empresa, e ela, para desvencilhar-se do indesejado, disponibilizava esse “entulho”, agora para cumprir uma *função social*, de acordo com a visão de quem precisava dele.

Se a família do Sr. Moacir pudesse acompanhar o desenvolvimento do centro urbano mediante flagrantes fotográficos diários, é provável que ficaria mais horrorizada do que ficou apenas com a primeira fotografia. A proliferação dos barracos modificava o panorama local, à medida que mais e mais operários chegavam de outras localidades. Repito: o primeiro problema encontrado por esses trabalhadores foi o da moradia e, para contornar temporariamente essa necessidade, eles lançaram mão do único recurso disponível no momento: as tábuas que transportaram os equipamentos do Japão para o Brasil. Essas tábuas, que não serviam mais aos equipamentos e que deveriam ser destruídas para liberar espaço na área da empresa, estavam agora disponíveis aos seres humanos, para satisfazer uma das suas necessidades básicas.

Na fotografia do centro de Ipatinga enviada à família pelo Sr. Moacir, no lado esquerdo da parte inferior⁶³, nota-se uma espécie de lago; na realidade, trata-se do Ribeirão Ipanema, cujo traçado corta o centro do município, e, às margens desse ribeirão, os barracos *brotavam* diariamente. Dezenas deles eram erguidos entre o nascente e o poente, e esse ambiente serviria de primeira moradia, especialmente àqueles que se aventuravam no local em busca de oportunidades, desprovidos de qualquer suporte financeiro.

Durante o processo de recrutamento dos operários, a Usiminas já lhes assegurava condições de moradia, ainda que de forma provisória, em barracos construídos em madeira, exceto para os operários mais qualificados do ponto de vista profissional. A esses já estavam reservados os alojamentos em alvenaria, com quartos espaçosos e duas camas em cada um deles.

Os trabalhadores não-recrutados em outras cidades, cujas indicações não foram realizadas pelo SENAI, equiparados aos aventureiros como os candangos que viviam de construções civis, quando terminavam uma obra, a exemplo do que acontecera em Brasília, saíam em busca de outras construções para ganhar seu pão. Esses trabalhadores, mais

⁶³ Fotografia nº 3

conhecidos como *peões de trecho*, estavam sempre preparados para os piores reveses que a vida lhes impusesse.

A coragem, a determinação em sobreviver e a contumácia em tentar conquistar um espaço entre os demais transformavam um barraco de pinho, às margens de um ribeirão fétido, em moradia para esses trabalhadores. Ou pelo menos naquilo de que eles mais precisavam naquele momento.

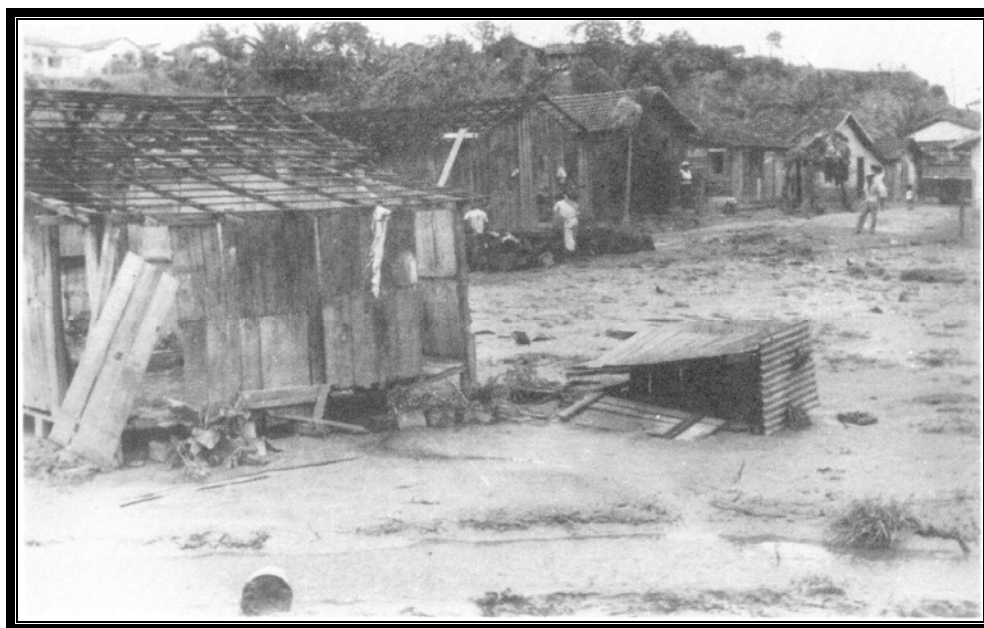


Foto nº 4 - Barracos em construção na Rua do Buraco – Acervo Biblioteca PMI.

É difícil compatibilizar a idéia de que seres humanos se acomodavam nesse tipo de moradia, enquanto a indústria, ao lado, planejava um faturamento inédito na cidade a partir das primeiras corridas de gusa⁶⁴. Às margens do Ribeirão Ipanema, centenas de barracos já delineavam o contorno do rio e penetravam também, de forma desordenada, rumo ao interior do vilarejo e aqueles que conseguiram o pioneirismo no processo de ocupação, usavam as margens do riacho para depósito dos dejetos pessoais. Nesse local, os barracos foram construídos em forma de palafitas para evitar as enchentes, constantes no tempo das águas. As tábuas de pinho, utilizadas na construção, estão visíveis nessa fotografia e, na parte externa da obra, notamos uma porta pronta para ser instalada. Visto mais de perto, concluía-se que o local transformara-se em uma imensa fossa pública, disseminadora de mau cheiro e de doenças. A inexistência de um poder público local e o desinteresse de Coronel Fabriciano,

⁶⁴ A política desenvolvimentista, imprimida pelos “50 anos em 5” de Juscelino Kubitschek, implicava a construção das chamadas indústrias de base no ramo do aço, sobretudo para abastecer as incipientes indústrias automobilísticas, uma das principais preocupações do governo J.K.

município até então responsável por esse espaço, permitiram que cada um se acomodasse em função da sua necessidade; porém, mais tarde, esse caos se transformaria em um outro espaço de conflito. Quando o município de Ipatinga foi emancipado, em 29 de abril de 1964, o poder público, já existente, iniciou o processo de desodorização do espaço urbano, cuja tônica foi a derrubada de centenas de barracos construídos no local escolhido para ser o centro da cidade incipiente.⁶⁵

Em todo o Vale do Aço e mais especificamente em Ipatinga, a degradação da qualidade de vida era visível em função da migração crescente. Os trabalhadores mais preparados, com qualificação profissional ou experiência anterior, encontraram um posto de trabalho com relativa facilidade até completar o quadro de funcionários, pois essa era a exigência da empresa a partir da primeira corrida de gusa registrada em 1962. Mas aqueles que não tinham qualificação profissional foram obrigados a formar fila com os desempregados da região e submeterem-se à mais adversa condição de vida. A Revista Um Século de História, produzida pelo Diário do Aço, vê esse momento da seguinte forma:

[...] A periferia das cidades de Ipatinga, Coronel Fabriciano e Timóteo, com uma população composta basicamente de trabalhadores de baixa renda, desempregados, excluídos do campo, via-se abandonada pelos poderes públicos e sucessivas administrações que pouco ou quase nada faziam para lhes aliviar o sofrimento provocado pela escassez de ofertas no mercado de trabalho. Sem saneamento básico, escolas, unidades de saúde, a situação dos moradores se deteriorava paulatinamente. Aliado a estas condições, o crescimento da ocupação desordenada do solo urbano, levava os governos municipais, particularmente em Ipatinga, a tentar resolver o problema com repressão. A pobreza era tratada como caso de polícia. De forma cruel e desumana, famílias inteiras tinham seus barracos destruídos em ações realizadas durante as madrugadas, com a cobertura da polícia Militar. Homens, mulheres e crianças eram despejados, tinham os móveis e utensílios quebrados ou apreendidos, pais e mães de família eram agredidos violentamente.[...] ⁶⁶

Essa situação era decorrente de outra anterior. A enorme propaganda alardeada em torno da implantação da Usiminas como a maior Usina Siderúrgica da América latina, criou, no imaginário da população, a idéia de que Ipatinga seria a “terra das oportunidades”, uma região onde corria muito dinheiro. Desta forma, Ipatinga passa a ser imaginada como a terra onde “jorra leite e mel”, um verdadeiro *eldorado* no imaginário dessas pessoas. A corrente migratória rumo à região provocou uma quantidade enorme de pessoas que perambulavam à

⁶⁵ Um dos maiores conflitos sociais de natureza urbana no Brasil, historicamente conhecido como Revolta da Vacina, envolveu uma gama de informações e disputas, que nos leva a crer que esse processo de limpar o espaço reservado ao centro urbano não foi inventado em Ipatinga; no início do século XX, no período do governo do Presidente Rodrigues Alves, constata-se que o centro urbano já estava reservado à classe rica e dominante, enquanto os moradores dos cortiços foram violentamente removidos para os morros do Rio de Janeiro, numa operação de saneamento, capitaneada pelo médico sanitário Oswaldo Cruz.

⁶⁶ VALE DO AÇO 2000. Um século de história. Ipatinga, Diário do Aço, 1999, p. 33.

procura de uma oportunidade, e, aos poucos, dezenas, talvez centenas delas, sem ter onde cavar seu sustento, transformou-se em pedintes na região.

A preocupação em conseguir um local para erguer um barraco gerou uma especulação imobiliária paralela, à margem de qualquer forma de legalidade, criada do mais evidente exemplo de necessidade imposta pelo afluxo da massa humana para o local. O espaço disponível ao lado dos barraqueiros pioneiros era negociado com os peregrinos mais recentes e, muitas vezes, transformavam-se em objeto de conflito entre os interessados. Alguns *evoluíram* da condição de *proprietários* para a de negociadores de outros espaços, ou seja, os proprietários invasores se protegiam agora dos *invasores dos invasores*. Ao fazer a análise sobre a formação da classe operária inglesa, Thompson descreve situação análoga quando se trata de identificar o relacionamento entre diversos operários. Segundo E.P. Thompson: *uma pulga sempre encontra outra menor que a sugue* ⁶⁷ e essa reflexão contribui no sentido de fazer-me compreender que tais *pulgas* foram se acomodando nesse novo corpo para tirar dele o sustento imprescindível à sobrevivência. As necessidades decorrentes de um ambiente, até então hostil, fizeram desenvolver nos seres humanos a necessidade de sobreporem-se a tais dificuldades e, muitas vezes, a disputa pelo espaço estimulava a criação de saídas emergenciais para tais situações.

Vários trabalhadores, remanescentes de um período anterior à instalação da Usiminas, além de acompanharem essa disputa, tiveram a oportunidade de contemplar os primeiros movimentos que transformariam definitivamente a região. Raimundo Anício foi um deles. Ele chegou ao Arraial de Ipatinga em 1953, para trabalhar na carvoaria da Companhia Belgo Mineira ⁶⁸ e, em entrevista concedida à Revista Homens em Série, relata:

Pergunta: COMO ACONTECEU A CHEGADA DO PRIMEIRO EMISSÁRIO DA USIMINAS?

Resposta: Ele se chamava José Joaquim de Moraes ⁶⁹. Chegou e me procurou no bar, a mando de Lauro Pereira, de Fabriciano. Disse que precisava comprar duas ou três barracas e sabia que existiam as casas pré-fabricadas da Usina de Salto Grande ⁷⁰.

⁶⁷ THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 186. v. VII.

⁶⁸ A Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, localizada em João Monlevade, no Vale do Aço, iniciou suas operações no ano de 1937 e hoje faz parte do grupo Arcelor Brasil S/A. É uma das maiores Siderúrgicas da América Latina.

⁶⁹ José Joaquim de Moraes, ou simplesmente Moraes como era conhecido na região, foi o primeiro empregado da Usiminas, portanto o *Chapa um*. Após o início das operações, o Sr. Moraes assumiu a chefia dos restaurantes da empresa, conhecidos como bandejões, responsáveis pela alimentação dos trabalhadores da Usiminas. Na legislatura de 1967 a 1968, Moraes foi o Presidente da Câmara Municipal de Ipatinga, já que fora eleito para o Legislativo local na primeira legislatura de Ipatinga emancipada.

⁷⁰ A Usina de Salto Grande foi construída para garantir o fornecimento de energia necessária ao funcionamento da Usiminas.

Pedi que verificasse isso, porque ele precisava alocar os topógrafos da Usiminas. Eu me lembrei do proprietário do Cine São José⁷¹, Olinto Silva. Conversei com ele e conseguimos fazer negócio de uma casa. Fui com o Moraes até o André Sales, que era agente da Estação, e compramos outra. Ele levou as duas casas para perto do Bairro Horto⁷², beirando a linha férrea e essas duas casas representavam o primeiro sinal da chegada dos topógrafos aqui em Ipatinga. [...] Quando chegaram aqui as primeiras empreiteiras para construir a empresa, precisavam de fornecedores de tudo. Fizeram os bandejões e fornecíamos os cereais. Para os operários nós fornecíamos as mercadorias nas repúblicas. As empreiteiras nos pagavam mensalmente e chegava gente de toda parte do Brasil. O pessoal ficava entre Ipatinga e Salto Grande procurando emprego. Os que voltavam e não achavam emprego ficavam espalhados na praça de Ipatinga. Boa parte do pessoal que chegava ia para a Rua do Buraco, que era mato puro. Eles abriam o mato e se instalavam em barracas. Fizeram mais de mil barracas cobertas com sacos de cimento das empreiteiras. Nessa época só existia a Rua do Buraco e a Rua do Comércio.⁷³

Na fotografia número 1, notamos que o barraco já está construído, mas não tem sinal de telha para efetuar a cobertura. Provavelmente ela seria feita com os sacos de cimento esvaziados pelas empreiteiras da Construção Civil. No plano inferior, é possível observar diversas pessoas montando outros barracos.

Os trabalhadores, os quais se aventuraram nessa empreitada, ficaram, de certa forma, isolados, dada a carência de mecanismos de comunicação no local. O sistema de correios da época era muito deficitário em todo o Brasil e, particularmente, em Ipatinga, ele não existia. Além disso, não havia ainda uma rede de telefonia disponível à população, portanto o contato entre os trabalhadores já instalados em Ipatinga e suas respectivas famílias que ficaram nas cidades de origem era feito por cartas postadas em Coronel Fabriciano. Nessas missivas, eles desabafavam e enviavam para suas esposas um relato sobre as dificuldades e os anseios em relação ao novo emprego e à nova cidade.

Dona Iracilda, através dessas cartas recebidas, faz uma comparação entre o que o marido pensava e o que ela encontrou em Ipatinga depois que saíram da cidade de origem. Quando perguntada sobre o posicionamento do marido em relação à cidade e as perspectivas de futuro para os filhos, ela desvia o foco da conversa, dando visibilidade à sua decepção em relação às expectativas levantadas ao longo do tempo. A nova cidade não atendia às necessidades da família, e o que ela encontrou na sonhada *cidade grande*, era bem pior que sua cidade de origem. Fica estabelecido aí um paradoxo: para as necessidades básicas imediatas, Ipatinga não atendia, mas, ao pensar no porvir, certamente ela avalia a mudança

⁷¹ Cine São José foi fundado em Ipatinga, posteriormente à chegada dos trabalhadores que vieram de fora. Na Ipatinga pré-urbana, não tinha cinema.

⁷² Bairro Horto foi o primeiro bairro operário construído pela Usiminas. Mesmo antes do desenvolvimento do centro de Ipatinga, o Bairro Horto funcionava como o centro financeiro da cidade. Lá estavam também o serviço de Correios e as lojas revendedoras de eletrodomésticos e coisas do lar.

⁷³ **HOMENS em Série:** a história de Ipatinga contada por seus próprios personagens. Ipatinga: Prefeitura Municipal de Ipatinga, 1991. p. 28.

como um grande salto em direção ao futuro. Ela relata as péssimas condições de vida que as pessoas levavam, enquanto procuravam se *ajeitar* nesse espaço *desorganizado*, e sofre por ela e pelas pessoas que não tinham sequer um teto para abrigar-se do frio.

Paulo Roberto - E NESSAS CARTAS QUE ELE ESCREVIA... QUE QUI ELE FALAVA DE IPATINGA, SE ERA UMA CIDADE AO... SE ERA UMA CIDADE DO FUTURO... ALGUMA COISA NESSE SENTIDO. ELE FALAVA?

Iracilda - Bom muitas vezes eu acho assim que ele poderia até ver um futuro né... mas... que era muito difícil... isso até mesmo quando a gente mudou, a gente viu a dificuldade... tinha muita dificuldade mesmo... porque... Ipatinga era.... a gente num tem como explicar porque.... a cidade sem condições... o povo morava... em barracos... . debaixo de carroceria de caminhão... uma carroceria, qualquer coisinha eles morava... num tinha... num tinha sanitário... num tinha água direito... nem nada né... e até mesmo... porque ele reclamava... tinha gente assim... eles matava porco assim... no meio da rua... ao ar livre... matava porco.. distrinchava... ali vindia... cortava vindia... pro povo... era coisa assim ... muito... muito sem higiene né... sem condições de... apesar de que, que de onde a gente morava... a gente achava aquilo muito sem condições... muito sem higiene.⁷⁴

Um depoimento dessa natureza enriquece o trabalho, haja vista que traz, em seu bojo, uma gama de informações que envolvem expectativas, cultura, decepção, condescendência e, sobretudo, luta pela sobrevivência. Além disso, a fala da entrevistada está entrecortada por lembranças, maciçamente desagradáveis, que refletem a precariedade momentânea desses moradores em busca de uma oportunidade para compor a classe operária que escreveria, futuramente, seu nome no processo de industrialização de Ipatinga. Ao analisar a formação da classe operária, no caso a inglesa, Thompson afirma que “não podemos ter amor sem amantes, nem submissão sem senhores rurais e camponeses”.⁷⁵ Esse autor alerta ainda que:

a classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produções em que os homens nasceram ou entraram involuntariamente.

Nesse ponto, Thompson contribui para a compreensão de que os trabalhadores instalados em Ipatinga, naquele momento moradores das carrocerias dos caminhões e dos barracos da *Rua do Buraco*, já tinham, caso contratados, um papel definido na dinâmica da produção fabril: formariam a base de todo o processo produtivo. O poder de negociação deles era pequeno e provavelmente se sujeitariam a qualquer posto de trabalho para defender a

⁷⁴ Fragmento da entrevista concedida pela Sra. Iracilda, na residência de um dos filhos, em Uberaba, no dia 16 de fevereiro de 2006

⁷⁵ THOMPSON, E. P., **A Formação Da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 10.

sobrevivência. Por outro lado, desse meio também nasceria a resistência e a insubordinação nos momentos mais conflitantes da formação da cidade e do corpo de operários fabris. O mando obedece a uma mobilidade vertical descendente, enquanto a resistência se espalha na horizontalidade, em meio aos interesses da classe operária e produtiva, sobretudo em oposição à opressão imposta pela classe dominante, aspecto que será mais bem abordado no terceiro capítulo deste trabalho.

Ao longo da minha vida dentro das fábricas e fora delas, entre um emprego e outro, passei a utilizar os recursos adquiridos com a experiência dos muitos trabalhadores que conheci. Tais experiências me ajudaram a compreender que o trabalhador empregado tinha maior poder de negociação sobre o salário pretendido quando em busca de um novo emprego. Dessa forma, ele não se sujeitaria a qualquer salário que lhe fosse oferecido. Ele se posicionaria como alvo de disputa por dois empregadores, mas, no caso dessa mão-de-obra disponível debaixo das carrocerias dos caminhões, o posto de trabalho é que estava em disputa por milhares de trabalhadores. Daí a sujeição a qualquer salário.

Além da disputa por um posto de trabalho e pela moradia, havia outro problema mais grave ainda: a disputa pelo alimento e pela água potável. Dentre as inúmeras entrevistas conseguidas, além da fala de dona Iracilda, encontram-se três depoimentos que corroboram as palavras uns dos outros. Vale salientar que se trata de pessoas que jamais se conheceram, pois vieram de lugares diferentes. Preliminarmente, Nelson Ribeiro fala sobre o abastecimento de alimento e água e, posteriormente, o casal Edson Farias e Maria Geralda também comenta sobre esse mesmo sistema.

Nelson Ribeiro – Bom, Ipatinga foi emancipada em 1964, certo? Em dezembro de... 1964. quer dizer: até lá... ela realmente... se a gente for falar... a gente fala com os filhos hoje... a gente realmente...às vezes nem acredita. Mas eu com minha esposa aí, ela lembra, a gente comia carne vendida em folha de bananeira. Dentro de Ipatinga... dentro da cidade, quer dizer... não tinha nada. Pro pessoal lá ter água... era uma fila de um quilômetro... uma torneira grande... central... no centro da cidadezinha lá,⁷⁶

Maria Geralda- É então era assim... a água era distribuída em caminhão pipa. Edson chegava do serviço e... tinha dia que dava para encher o latão... tinha dia que não dava sabe?

Edson - Eu andava com um cabo de aço preso na cintura... porque lá era assim... nego que chegava lá para furar a fila... cê tinha que dar uma de machão lá. Muitas vezes tive que enfrentar nego lá que dava três de você.⁷⁷

⁷⁶ Fragmento da entrevista concedida pelo Sr. Nelson Ribeiro, em 29 de junho de 2005, na residência do entrevistado.

⁷⁷ Fragmento da entrevista concedida pelo Sr. Edson Farias,, em agosto de 2006 na residência do entrevistado, em Uberaba, MG. Nessa entrevista, sua esposa, Maria Geralda, também fez o seu depoimento.

Paulo Roberto - ISSO POR CAUSA DA ÁGUA?

Maria Geralda- *É... só era entregue no caminhão pipa... então muitas vez... eu mesmo grávida de Reginaldo... eu ia pra fila também... e carregava lata também. Depois desse barracão quando o Reginaldo nasceu... meu pai achou assim que o local estava excelente mas a dificuldade pela água era muita, aí voltamos pra casa de meus pais de novo.*

Se compararmos as falas de Nelson Ribeiro e de Edson, notamos o crescimento avassalador da população ao considerar que a chegada de ambos na região está separada por apenas alguns meses. Enquanto um admite a existência de um chafariz central para atender à população, outro já afirma a existência de carros-pipa, fornecendo água potável. A Usiminas foi obrigada a intervir para aplicar uma medida paliativa no sentido de amenizar eventuais emergências da população. Claro que essa intervenção pode ser analisada como uma confissão de culpa por não ter dotado a região da infra-estrutura necessária para abrigar a população crescente. A necessidade era tão grande que o chafariz não dava conta de suprir a demanda das famílias. Foi necessário complementar o abastecimento com os caminhões-pipa, uma vez que a população aumentava dia a dia, e o poder público era inexistente no local.

Quanto Nelson Ribeiro afirma que ele e a esposa “comeram carne vendida na folha de bananeira”, dá a impressão de que esse procedimento era normal na cidade, um costume diferente, por exemplo, *peixe assado na telha*, mas não se tratava disso. Não era nenhum modismo do apelo consumista observado na sociedade do espetáculo. A procura por alimento era tão grande que os comerciantes locais não dispunham de tempo para abater os animais, eviscerá-los e expor a carne nos açougues improvisados com as tábuas de pinho. Como a rotatividade era grande e a procura muito maior que a oferta, os animais eram sacrificados no meio da rua de terra e ali mesmo eram eviscerados e as *peças* eram repartidas com o povo que assistia passivamente ao sacrifício do seu alimento. Para que não fossem contaminadas pelo contato com a terra, as peças remanescentes do corpo do animal eram expostas sobre folhas de bananeira, de onde eram retiradas e entregues aos compradores. Vale dizer que o pagamento era feito ainda com o animal de pé. Para aqueles que ainda dispunham de algum dinheiro para os primeiros dias de dificuldade, cabiam as partes mais nobres do animal, como o pernil, as costelas, o lombo etc. Mas os trabalhadores que já chegaram à região com pouco dinheiro deveriam se contentar com carnes menos nobres como pés, orelhas, bofes, fígados, tripas e rins, disponíveis para essa classe da população.

Ao discorrer sobre os acontecimentos do século XIX Thompson identifica esse tipo de carne como inferior, no movimento de formação da classe operária inglesa:

Havia, evidentemente, uma variedade de “carnes” inferiores à venda: arenque defumado e salgado, pés de carneiro e de vaca, orelhas de porco, miúdos, tripas e morcela. Os tecelões rurais de Lancashire desprezavam a comida da cidade e preferiam comer ‘o que matavam com a própria faca’ – uma frase que indica a sobrevivência de uma economia baseada na criação doméstica de porcos, além da suspeita de que a carne urbana estava contaminada. Quando obrigados a comerem na cidade, cada bocado era engolido entre penosas especulações sobre o qual teria sido o quadrúpede, quando vivo, e qual seria a razão do seu sacrifício.⁷⁸

Está fora de cogitação tentar colher a impressão sobre o estado de saúde dos animais sacrificados nas ruas de terra de Ipatinga, mas raramente acontecia de alguém questionar sobre a origem deles. A julgar pela venda quase instantânea das vísceras desses animais no mercado aberto, é possível inferir que o poder aquisitivo da população estava regrado em virtude das circunstâncias, ou pelo menos controlado em face da carestia proporcionada pela lei de mercado. Elaborar uma interpretação sobre as informações e o modo de vida do trabalhador urbano não é uma tarefa das mais simples. Ao debruçar sobre os problemas tanto da classe operária inglesa, quanto da classe operária brasileira no início do século XX e, em especial, da classe operária de Ipatinga, há a impressão de que estamos nos debruçando sobre os mesmos problemas: falta de planejamento, condições sanitárias precárias e o que Thompson chamaria, no período da formação da classe operária inglesa, de expansão nas cidades industriais. Ele adverte:

[...] na medida em que as novas cidades industriais envelheciam, multiplicavam-se os problemas de abastecimento de água, saneamento, superpopulação, [...] essas, condições, nas vilas rurais ou nas aldeias têxteis, eram, provavelmente, tão precárias quanto em Preston ou em Leeds, mas a dimensão do problema era certamente maior nas grandes cidades, pela facilidade de proliferação de epidemias.⁷⁹

Existe um conjunto de informações sobre a cidade de Ipatinga que permite crer na existência de problemas semelhantes aos levantados por Thompson: as vísceras vendidas a céu aberto, em meio às varejeiras, os dejetos acumulados na beira do ribeirão, além da água de origem duvidosa. O que difere, na análise sobre as cidades industriais inglesas e a visão sobre os problemas decorrentes do acúmulo populacional de Ipatinga, é que naquelas tais problemas ocorrem à medida que as cidades envelhecem e, no caso de Ipatinga, ela já nasce com tais problemas. Para melhor compreender tais dificuldades, recorri novamente ao depoimento de pessoas que vivenciaram o período no sentido de aferir as interpretações que elas fazem da complexidade daqueles momentos.

⁷⁸ WANGH, E. Lancashire Sketches. In: THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 182. v. VII.

⁷⁹ THOMPSON, E. P., op. cit., p. 185.

Edson [...] Então isso aí eu fiz.... Saí de lá em 1970... peguei o ônibus para ir para Poços, e fiquei na ALCOA... muitos foram para Poços na época... não conseguiram ficar na Usiminas (ALCOA) por problema de... exame médico. Porque em Ipatinga... tinha a tal da xistose... o tipo de água lá. Eu graças a Deus não tive nada, o exame foi normal. Inclusive nos exames que nós fizemos na ALCOA... em 1970... é... o exame que hoje... todo homem é obrigado a fazer... naquela época nós já fizemos já... que é o exame de próstata. Só que naquela época não falaram que era exame de próstata... ninguém falava que era exame de próstata.... Ao longo dos anos é que veio citar o nome.⁸⁰

Paulo Roberto - ENTÃO PARA ENTRAR NA ALCOA TINHA QUE FAZER ESSE TESTE JÁ?

Edson - Tinha que fazer os exames normais... e... mais o exame do dedo. Então isso aí... tinha obrigação de fazer. E o que ela mais exigia lá... que é... os primeiros comentários... que a gente não sabia... era a xistose.⁸¹

Paulo Roberto - E IPATINGA ERA UM FOCO DE XISTOSE?

Edson - Eu acho que deve ser até hoje, ou... talvez já está amenizado e tudo.

Paulo Roberto - O TRATAMENTO DE ÁGUA ALI ERA INEXISTENTE NA ÉPOCA? ESGOTO CORRENDO A CÉU ABERTO, PORCO SENDO MORTO NO MEIO DA RUA?

Edson - Eu pelo menos tomava muito pouca água... dentro de Ipatinga mesmo. A gente tomava água dentro da Usiminas, ou... depois que eu casei, eu tomava a... sempre usamos filtro... filtro de água, mas nunca assim... tomar água em torneira ou em qualquer lugar... eu jogava bola mas não tomava água naqueles... gostava muito de molhar a cabeça, o corpo quando estava jogando bola.⁸²

A fala de Edson está carregada também do imaginário popular: ela atribui à água potável, disponível para a população, o fato da grande incidência de *esquistossoma mansoni* identificada por ele como *xistose*, sobretudo pelo fato da água ser distribuída em caminhões-pipa, o que levantava algumas suspeitas. Entretanto, deve se considerar que a esquistossomose raramente é contraída pela ingestão da água, já que a larva cercária penetra no organismo através dos poros⁸³. Dessa forma, o procedimento de Edson transformava-o em uma porta de

⁸⁰ Fichar: preencher a ficha de admissão. Assinar o contrato de trabalho. Nesse momento, o operário recebe um número de matrícula, conhecido na região como o número da chapa. O número da chapa de meu pai era 5.754. Isso significa que antes dele 5.753 operários assinaram contrato de trabalho com a Usiminas.

⁸¹ O exame do dedo, citado por Edson, realizado nos exames pré-admissionais, é o tradicional exame de próstata, obrigatório no ato de fichar.

⁸² Fragmento da entrevista concedida pelo Sr. Edson Farias, em agosto de 2006, na residência do entrevistado, em Uberaba, MG.

⁸³ LOPES, Sônia; ROSSO, Sérgio. **Biologia**. São Paulo: Saraiva, 2005. Volume único.

O ciclo do shistossoma obedece à seguinte regra: uma pessoa contaminada deixa suas fezes às margens das chamadas *lagoas de coceira*. Os ovos contidos nas fezes evoluem e transformam-se em uma larva aquática ciliada conhecida como miracídio. O caramujo planorbídeo se oferece como hospedeiro intermediário do miracídio e, nesse novo organismo, a larva se reproduz de forma assexuada. Do caramujo saíam as larvas cercárias que penetrarão no organismo humano através dos poros. Dessa forma, basta que a pessoa entre na lagoa, ou toque na água para oferecer-se como hospedeiro definitivo. Nesse novo organismo, o parasita vai se reproduzir de forma sexuada e, nos vasos do mesentério do intestino do ser humano, os vermes adultos copulam e formam os ovos que serão novamente expelidos através das fezes humanas, completando o ciclo do *Shistossoma*.

entrada, *escancarada* ao parasito. Ao deixar de tomar a água e molhar a cabeça ou o corpo, ele oferece todos seus poros para serem penetrados pela larva, caso ela existisse nessa água. Todavia, tais larvas normalmente não se fazem presentes na água potável, elas têm habitação nas chamadas *lagos de coceira*. Foi necessária, na época, a conscientização da população de que a água disponibilizada estava devidamente tratada, portanto apta à ingestão pelos moradores locais.

Os desafios a serem superados cresciam de forma diretamente proporcional ao aumento da população, seja no âmbito sanitário, nas relações que se formariam a partir da chegada desses migrantes, ou na busca incansável pela sobrevivência. Da mesma forma que a instalação da indústria ofereceria novas oportunidades de emprego aos operários, abria-se também um imenso corredor por onde transitariam os especuladores da terra, os cidadãos com uma visão burguesa de vida, ou aqueles que se conformariam em vender sua força de trabalho para esses burgueses ávidos pelo lucro. Vale ressaltar que esses cidadãos recém-chegados apenas engrossaram o coro daqueles que já especulavam a terra desde os tempos das carvoarias. Indiferente da facilidade ou dificuldade de trânsito entre esses mais diversificados caminhos, o que impressiona é a gama de especificidades que esses sujeitos traziam com suas expectativas, especificidades que seriam disponibilizadas à construção desse sonhado *eldorado*. A partir dessa diversidade de experiências, esses forasteiros construiriam seus sonhos nesse ambiente inóspito e, nesse espaço geográfico, novos nomes ganham visibilidade no processo de formação da cidade.

Um desses nomes foi o de Pedro Linhares⁸⁴. Nascido em Alvinópolis, MG, Pedro construiu sua vida, aproveitando as oportunidades de comércio de terrenos residenciais nas cidades em formação como João Monlevade, Volta Redonda e Ipatinga. Ele foi um dos primeiros empresários do ramo imobiliário a chegar à cidade e não se pode negar que sua visão empresarial seria, mais tarde, reconhecida como uma visão transformadora local. Foi um dos grandes responsáveis pelas mudanças que a cidade sofreria a partir desse momento

⁸⁴ Pedro Linhares, filho de José dos Santos e Arminda Linhares Vieira, nascido em Alvinópolis, Minas Gerais em 23 de outubro de 1929. Corretor de imóveis, proprietário da imobiliária Sotil em Volta Redonda, RJ, onde morou de 1943 a 1961 e posteriormente proprietário da imobiliária P. Linhares Imóveis em Ipatinga. Além de empresário do ramo imobiliário, Pedro Linhares era também proprietário da empresa MAROMBA, do ramo de cerâmica, cujo objetivo era fornecer matéria-prima para a construção das casas que doravante seria uma constante no cotidiano da cidade. Pedro Linhares era considerado um dos homens mais ricos da cidade, concorrendo, inclusive, ao cargo de Prefeito da cidade ao lado do jovem monlevadense, João Batista Guerra. Apesar de todo esse aparato e de todo prestígio material adquirido ao longo da sua carreira, cuja influência ultrapassava as fronteiras do município, Pedro Linhares terminou seus dias na mais completa pobreza material, tendo, inclusive, de vender sua própria casa.

analisado. Perguntado como ele veio para Ipatinga, Pedro responde da seguinte forma à Revista Homens em Série:

*Vim para Ipatinga em 1961 com a filial da imobiliária SOTIL, que fundamos em Volta Redonda. Minha família veio em 1962. Moramos inicialmente no Bairro Canaã. Fomos bem sucedidos, embora pudesse ter sido melhor. Eu me orgulho muito de ter participado da construção da cidade, porque quando chegamos, Ipatinga pertencia a Coronel Fabriciano e não havia aqui, quase nada. As autoridades de Fabriciano não tinham noção da explosão demográfica, planejamento urbano e não esperavam que isto fosse crescer tanto como cresceu. O que fizemos foi muito pela experiência que adquirimos em Volta Redonda. O município não tinha nenhum engenheiro para orientar as autoridades. Me lembro que quando projetamos o Bairro Canaã, existia ali um rede de alta tensão. Projetamos as ruas, deixando a rede no canteiro. **Um amigo meu viu o projeto e achou um absurdo perder tanta terra. Então fizemos vários loteamentos pensando em uma cidade grande, evitando conflito de trânsito.** (grifo meu)*

Pergunta - COMO O SR. FICOU SABENDO QUE A USIMINAS SERIA INSTALADA EM IPATINGA?

Eu havia lido em um Jornal do Rio de Janeiro, que em Minas estavam instalando uma nova siderúrgica que seria maior que a CSN. Além disso eu era amigo do irmão do dr. Emílio Fernandes, Antonio Fernandes que trabalhava na CSN. Éramos amigos desde criança. Em Volta Redonda continuamos nossa amizade. Eles vieram para fazer o Bairro Vila Celeste. O Dr. Emílio formou-se em medicina, trouxe a empresa dele e seus irmãos. [...] O Antonio convidou-me para conhecer Ipatinga [...] Com isso, eu vim para cá ser pioneiro pela terceira vez. A primeira em Monlevade, a segunda em Volta Redonda, na construção da CSN [...] O Moacir Lott, da Usiminas era agrimensor da equipe de topografia. A Usiminas fez o ante-projeto. Discutimos e consertamos porque nós imaginávamos o crescimento e a valorização futura dos lotes. Então, fomos felizes, porque todos os 18 mil lotes que fizemos não provocaram conflito de trânsito, embora muitos terrenos públicos que deixamos prontos foram doados ou cedidos, no sentido de comodato, para entidades ou igrejas. [...] Tenho títulos concedidos pelo município em reconhecimento ao trabalho que fizemos.⁸⁵ (grifo meu)

Ao contrário dos seres humanos que estavam morando debaixo das carrocerias dos caminhões, ou nos barracos da Rua do Buraco, Pedro Linhares chegou a Ipatinga com um projeto de vida definido. Nesse fragmento da entrevista, podemos constatar a presença de um cidadão com uma visão burguesa de vida, cuja preocupação era o comércio e o lucro com os terrenos que não eram dele, mas que se propôs a comercializar. Apesar de já existirem no local, pessoas que se dedicavam a esse tipo de negócio, às margens da formalidade, Pedro aproveitou as oportunidades do momento e instalou uma das primeiras imobiliárias no local. Seu trabalho consistia em fazer o levantamento topográfico, mensurar o território, estabelecer os contatos com o poder público para legalização do loteamento e comercializar os terrenos em nome do proprietário da área.

⁸⁵ **Homens em Série:** op. cit. p. 46.

Em dois momentos da fala do entrevistado, ele salienta o valor comercial da terra como objeto de especulação e lucro. O primeiro deles é quando os planejadores deixam o canteiro para a passagem da rede de alta tensão, que seria, a princípio, uma segurança aos futuros moradores. Mas a visão aguçada sobre métodos de aproveitamento da terra instiga o comerciante a ver o canteiro como um desperdício, sendo imediatamente redimensionado com objetivo de se conseguir um melhor proveito capitalista da terra. Noutro momento, ele afirma que foi feliz, porque os 18 mil lotes não ofereceram nenhum conflito de trânsito. No meu entendimento, ele deixa transparecer que está feliz por ter comercializado 18 mil terrenos e lucrado muito com eles e não pelo fato de não terem provocado os supostos conflitos de trânsito. Qualquer conflito dessa natureza seria facilmente contornado, uma vez que tinha o loteamento ainda na prancheta.

Ao analisar os loteamentos iniciados nos terrenos das fazendas do Sr. Jair Gonçalves e da família Selim de Sales, tem-se a nítida impressão de que o dinamismo de crescimento de Ipatinga seria diferente das demais cidades: ao invés de expandir do centro para a periferia, como é normal, a ocupação do espaço urbano obedeceria à lógica inversa, da periferia para o centro. Ao criar os bairros operários, a Usiminas fez prevalecer seus interesses; eles foram construídos de forma a manter os operários mais próximos do espaço fabril, fato que daria maior celeridade ao processo produtivo e manteria os trabalhadores sob a tutela mais direta do empregador; assim, ela não se preocupou com a ordem tradicional de crescimento das cidades. Por outro lado, os demais loteamentos urgentemente traçados na periferia da cidade, foram realizados de forma a não provocar um intenso adensamento no local escolhido para ser o centro da cidade. As questões pertinentes à localização do centro comercial e do sistema bancário também não estavam resolvidas, pois as evidências levam à interpretação de que havia uma disputa entre Usiminas e sociedade local quanto ao espaço reservado ao centro da cidade.

As terras, onde estavam instaladas as fazendas das duas famílias anteriormente citadas, foram loteadas e ali, construídos os bairros Canaã, Bethânia, Iguaçu, Cidade Nobre e Esperança. Além da hipótese de ocupação inversa, o procedimento também contribuía para a desocupação do centro do arraial, que “poderia” se transformar no centro da futura cidade. Os moradores de barracos, que conseguiram um emprego na Usiminas, agora poderiam – e deveriam pela lógica capitalista – adquirir um lote para construir uma *casinha* e trazer a família para junto de si, liberando a área que poderia ser a escolhida como centro para a prática do comércio e centro financeiro, o qual seria criado posteriormente.

No mapa fornecido pela Prefeitura Municipal de Ipatinga, podemos observar a divisão da propriedade na área do município. Limitada, no lado direito da planta, pelo Rio Piracicaba, que deságua no Rio Doce, a área urbana faz fronteira com a área do Parque Florestal, protegida pela Lei e separada de Ipatinga pelo Rio. A maior parte dessa área é propriedade da Usiminas (*hachuras horizontais*) e, dentro desses limites, foram construídos tanto a unidade produtora da empresa como os chamados *Bairros Operários*. Margeando o rio, no sentido descendente, observamos as áreas que seriam ocupadas pelos bairros Vila Ipanema, Castelo, Cariru, Bairro das Águas, Bela Vista, Bom Retiro, Imbaúbas, Santa Mônica e Horto. Do lado esquerdo, ainda na área pertencente à Usiminas, encontramos os bairros Novo Cruzeiro e Ideal, últimos construídos dentre os bairros operários. Curiosamente, todas as áreas reservadas a esses bairros estão à direita da unidade produtora da Usiminas, exceto o bairro Vila Ipanema (mais antigo) e os dois mais recentes dentre todos os bairros operários, Novo Cruzeiro e Ideal.

Na parte sem hachuras, a menor dentre todas as áreas do município, está localizado o centro da cidade. Nesse espaço, surgiu o Arraial de Ipatinga que, no período abordado pelo presente trabalho, sofre as mais significativas mudanças, tanto físicas quanto econômicas e sociais, entre as décadas de 1960 até 1990.



FOTO 5 - Homens do aço construindo Ipatinga - Acervo Biblioteca PMI. 1964

A urgência imposta pelos novos tempos na cidade implicou uma conjugação de esforços para dar início às mudanças necessárias. Uma das primeiras providências para organizar o espaço urbano foi a transferência dos esgotos, que corriam a céu aberto, para o subsolo da cidade, flagrado na fotografia nº 5. Não existia no local nenhum funcionário

público, também conhecido como *empregado da prefeitura*, para fazer tal serviço. Os poucos funcionários existentes prestavam serviço à Prefeitura de Coronel Fabriciano e eles não eram disponibilizados para os serviços em Ipatinga.

Dessa forma, a Sociedade Amigos de Ipatinga, juntamente com funcionários cedidos pela Usiminas, além de outros voluntários sem nenhum vínculo empregatício, iniciaram o processo de construção do *eldorado*. Nelson Ribeiro faz sua interpretação desse momento:

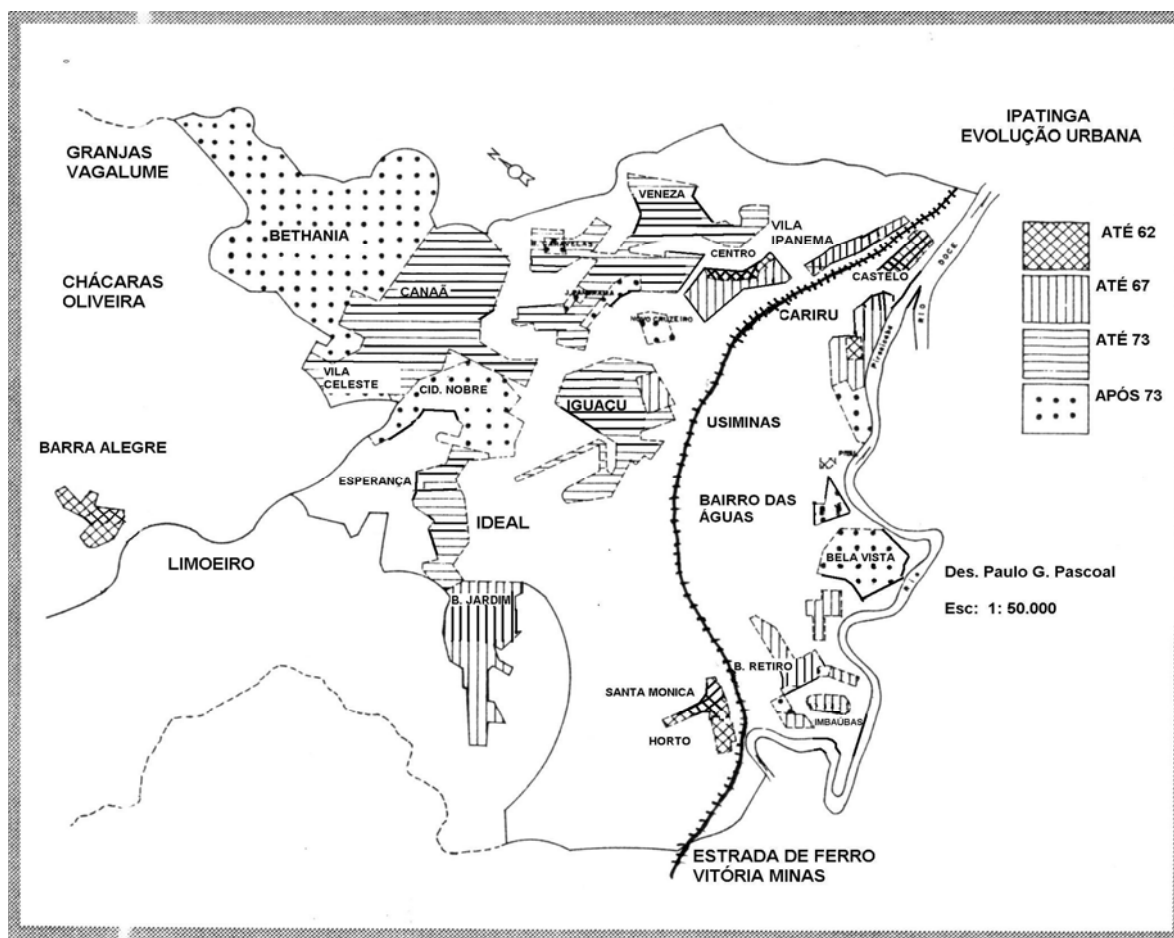
Paulo Almeida – E A CIDADE? QUANDO COMEÇOU A MUDAR A CIDADE, O SENHOR ESTAVA FALANDO: IPATINGA NÃO TINHA NADA.

Nelson Ribeiro – Bom, Ipatinga foi emancipada em 1964... [...] cidadezinha lá, mas em 64 ela foi emancipada, teve, como é, esse pessoal do governo que vai pra lá... como é... interditor né? (**Interventor**) Teve a intervenção... Ipatinga ficou lá... até arranjar as eleições, então começou a melhorar. Aí... isso aí... **realmente tem que agradecer muito à Usiminas, que a Usiminas que fez Ipatinga...** Não foi Ipatinga... foi a Usiminas que fez Ipatinga. O que ela é hoje... tem que agradecer à Usiminas. Porque a Usiminas dava tudo... A Usiminas dava a mão-de-obra... nós, por exemplo... saímos... a gente saía da Usiminas para instalar poste em Ipatinga, nos bairros... fazer a fiação... fazia tudo... instalações... então nessa época... a de 64 princípio de 65, a Usiminas ajudou muito. Quer dizer... instalação de esgotos, instalação de ruas, tudo foi a Usiminas que fez. Isso aí tem que agradecer... Eu não sei se na época era a troca de impostos... mas que a Usiminas fazia.⁸⁶ (**Grifos meus**)

Aqui cabe uma interpelação: a quem interessariam as afirmativas salientadas na entrevista? As evidências apontam na direção de que elas faziam parte de um discurso legitimado pela chefia da Usiminas e colocado em prática pelos operários e seus respectivos familiares. Com o tempo, tanto a massa operária como os demais habitantes passaram a estabelecer um *divisor de águas* entre a cidade da Usiminas e a cidade de Ipatinga. Parafraseando Heródoto, dir-se-ia à luz do discurso legitimado: “Ipatinga é uma dádiva da Usiminas”. Mesmo que pesem as múltiplas participações dos diversos setores da sociedade e do capital disponibilizado, não é possível prescindir da participação do elemento humano, principal agente transformador sobre a natureza e sujeito destinado a imprimir suas marcas na construção da cidade. A participação desses diversos setores e a disposição dos moradores em se inserirem nessa empreitada contribuíram para as primeiras mudanças no estético citadino.

O mapa dos bairros de Ipatinga foi disponibilizado pelo Projeto Cura e ajudará na compreensão da formação inclusive dos bairros operários. Todavia, para melhor visualizar o que foi chamado anteriormente de *Cidade da Usiminas e Cidade de Ipatinga, ou cidade à esquerda da linha férrea e cidade à direita da linha*, acrescentei, no mapa, o trajeto da Estrada de Ferro Vitória Minas.

⁸⁶ Fragmento da entrevista concedida pelo Sr. Nelson Ribeiro, em 29 de junho de 2005, na residência do entrevistado.



MAPA 2 – FONTE: PROJETO CURA.⁸⁷

Nota-se, no mapa de número 2, que o adensamento populacional é mais intenso em quatro áreas da cidade, até 1962: a primeira delas está na área conhecida como Barra Alegre; porém esse acúmulo de pessoas no local não é motivado pela chegada dos trabalhadores, mas tem origem nas carvoeiras, que se instalaram na região. O aumento dos fornos de gusa, a partir da segunda metade do século XIX, atraiu trabalhadores de diversas cidades da redondeza, inclusive o Sr. Raimundo Anício. As demais áreas de concentração populacional, até 1962, estavam inseridas em um conjunto formado por parte do Centro da cidade, o Bairro Horto e o Castelo, esses últimos construídos pela Usiminas. No Bairro Horto, a empresa instalou os engenheiros e os técnicos especializados, principalmente os japoneses responsáveis pela montagem dos equipamentos. No Bairro Castelo, foram construídas as melhores casas da região, todas reservadas à Diretoria da empresa.

⁸⁷ No mapa original, não consta o trajeto da linha férrea. Ele foi introduzido na planta para melhor visualizar as áreas de adensamento, que foram povoadas com a construção dos bairros.

Curiosamente, o Bairro Horto juntamente com a Vila Ipanema foram os dois únicos bairros operários construídos pela Usiminas, do lado esquerdo da linha férrea da Vitória Minas, até a data de 1973. Os demais foram construídos todos do lado direito da linha e, por conseguinte, da Usiminas também.

Observa-se, ainda, que a maioria dos bairros, os quais estavam sob o controle da empresa, teve seu adensamento até 1967; enquanto nos demais, que escapavam ao controle da Usiminas, o adensamento, no mesmo período, aconteceu somente no Bairro Bom Jardim e parte do Bairro Iguaçu. Nesse ponto, podemos comprovar a afirmativa feita anteriormente de que o acúmulo populacional e o crescimento da cidade não se configuraram como na maioria das cidades tradicionais, ou seja, do centro para as áreas periféricas. A população recém chegada estava “pulverizada” em diversos bairros e loteamentos construídos de forma emergencial.

Enquanto a construção dos bairros operários recebia reforços constantes e investimento maciço por parte da empresa, justificado pela urgência em abrigar as famílias vindas de outras cidades, o centro comercial de Ipatinga recebia discretas contribuições da Usiminas. Na fotografia de número 6, datada de 1966, podemos constatar essa realidade: enquanto a maioria dos bairros operários estava asfaltada, o centro da cidade ainda não era pavimentado; a Avenida 28 de abril, a principal da cidade, sequer existia no início da década de 1960. O alargamento da rua principal resultou na remoção dos barracos, cujo espaço seria disponibilizado ao *progresso*.

A influência da burguesia nos movimentos de deslocamento da população do centro para a periferia foi notada em diversas situações e em momentos históricos diferenciados: no saneamento do centro do Rio de Janeiro, no início do século XX; na desodorização dos bairros Bom Retiro, Bexiga e Brás em São Paulo, no final do século XIX e na remoção dos cortiços dos centros urbanos da Europa, no final do século XVIII. Em qualquer dessas situações, a História dá conta da imposição de um controle hegemônico por parte da ascendente burguesia e essa imposição foi uma constante tanto nessas situações quanto em Ipatinga da década de 1960.

O que diferencia o procedimento ocorrido na Europa e nas cidades brasileiras dos acontecimentos recentes, observados em Ipatinga, é que, nas situações anteriores, tais transformações ocorreram de forma lenta, acentuando-se progressivamente no final do século XVIII; enquanto, em Ipatinga, cidade criada dentro da lógica capitalista, as transformações foram marcadas pela celeridade. Dessa forma, é possível observar que a organização do espaço urbano se deu à luz do pensamento burguês; mas, à luz dos moradores removidos